

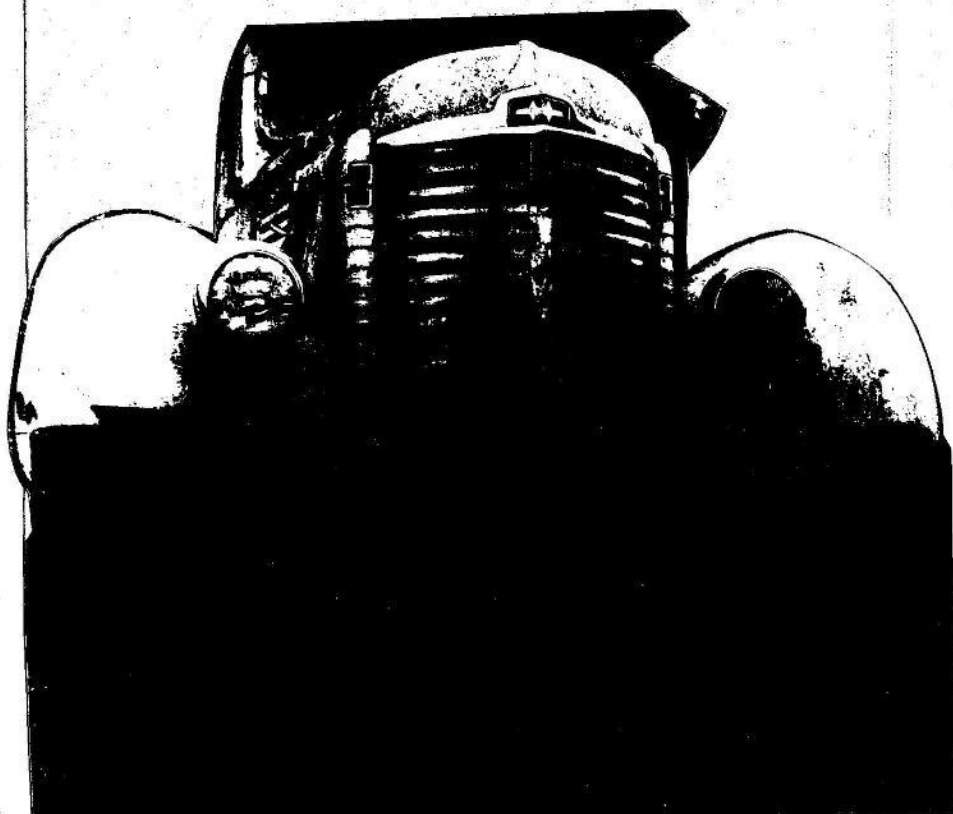
AVENTURA SEM DUBLÊ

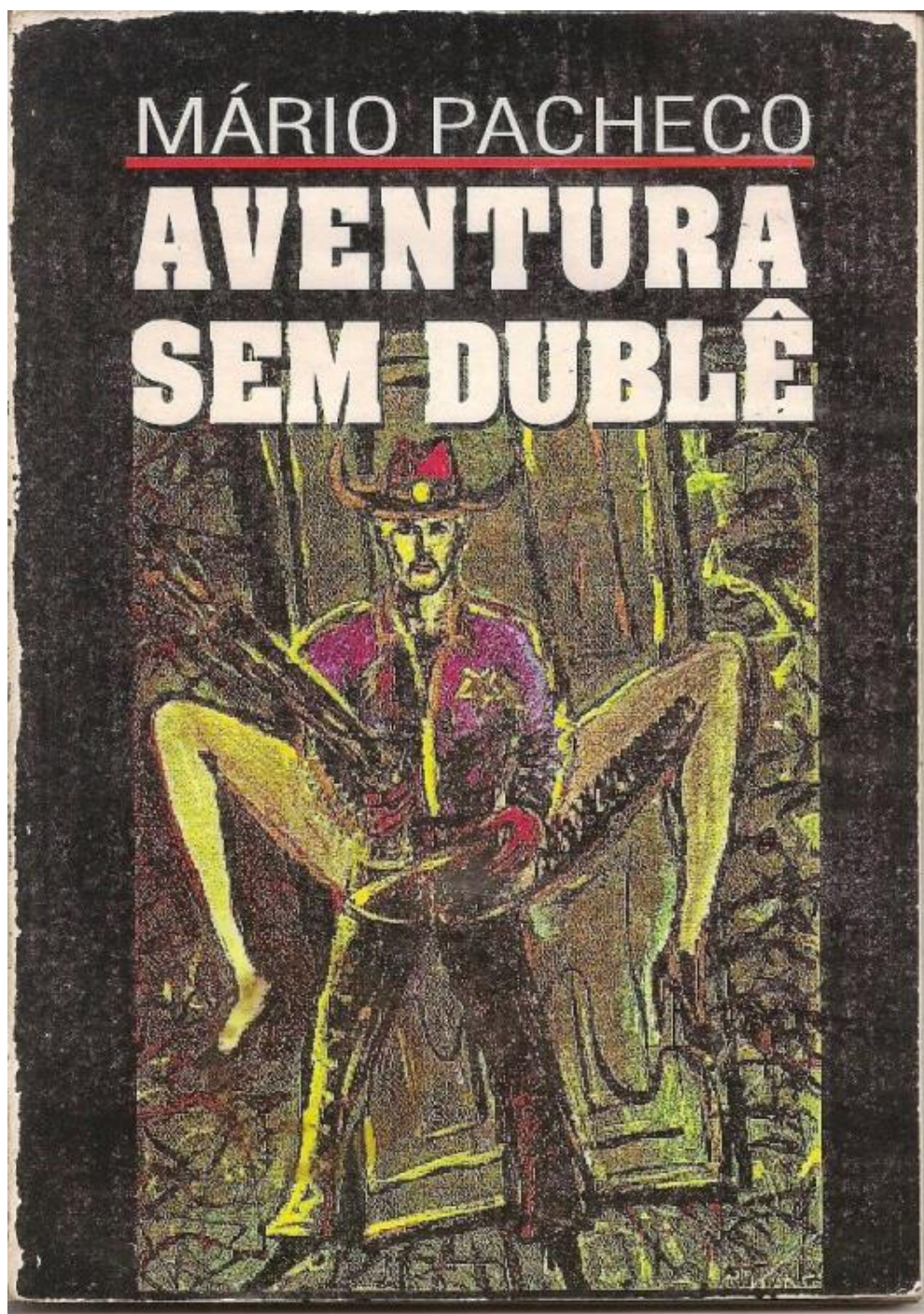
AVENTURA SEM DUBLÊ

AVENTURA SEM DUBLÊ

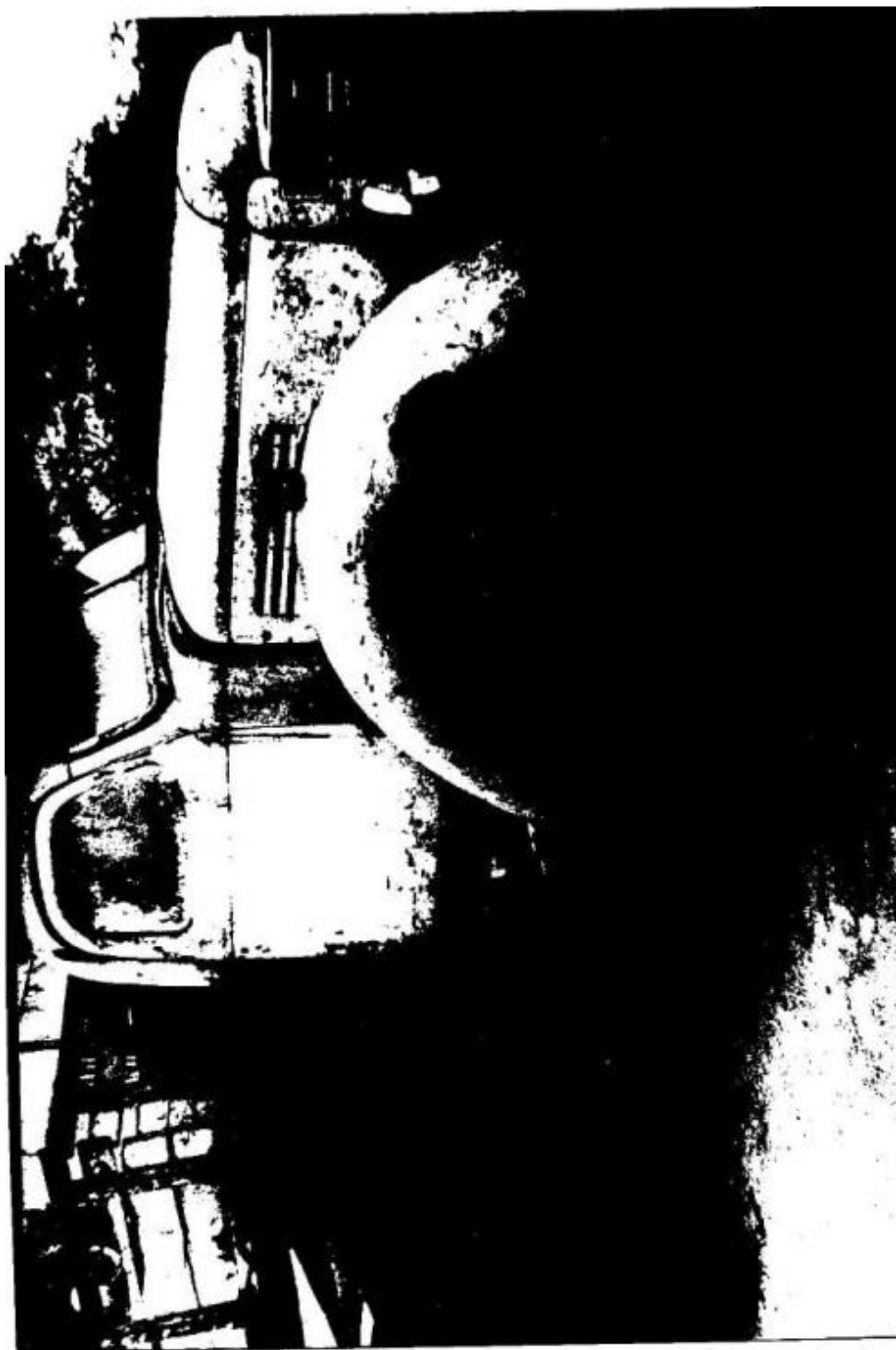
AVENTURA SEM DUBLÊ

AVENTURA SEM DUBLÊ





AVENTURA SEM DUBLÊ

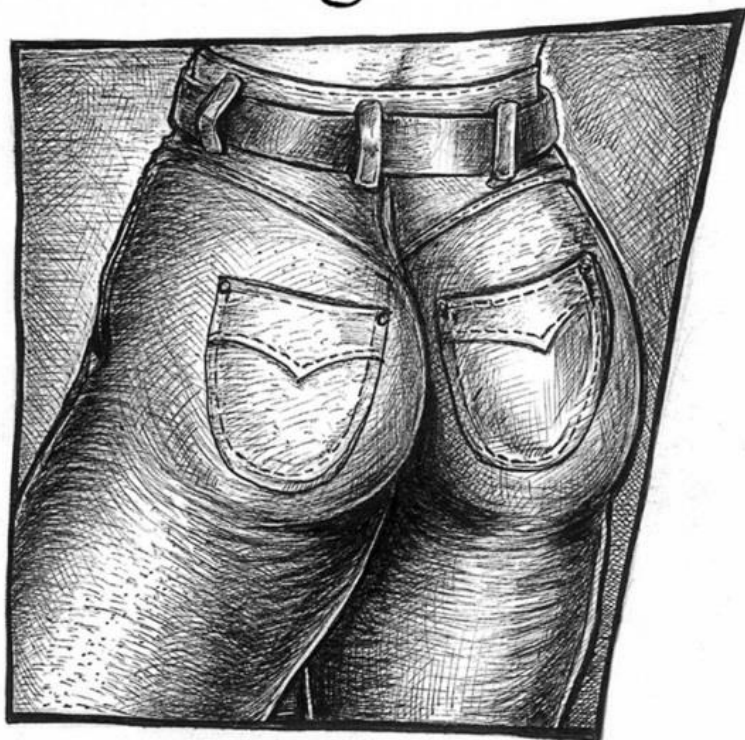


AVENTURA SEM DUBLÊ (ZIMMERMAN'S BLUES)

VERÃO/95

**ESTE ROMANCE É OBRA DE FICÇÃO E NENHUM PERSONAGEM PRETENDE REPRODUZIR
PESSOAS OU COMBINAÇÕES DE PESSOAS VIVAS OU MORTAS**

Do Próprio Bolso



CONTRACULTURA & UTOPIA

Contato

www.dopropriobolso.com.br – Contato: pazcheco@gmail.com

Supervisão literária Edson Cardoso

Assistência de roteiro Roberto Gicello Júlio "Junky"

Prefácio Geraldo Lessa (†)

Fotografias Geni Steffanin (†)

Negativos Dalva França – Júlio César

© **Capa** Edvar Ribeiro

Ilustrações Antônio Granjeiro da Costa – Arnaldo Baptista – Cecília Maria Furtado Rodrigues
– Edvar Ribeiro



"Tem gente que nunca enlouquece que vida horrível devem levar..." (Henry Chinaski in *Barfly*)

PREFÁCIO

Ficção, animal no cio e dramas.....	07
Melhores caubóis têm olhos de chinês.....	10
Pizza e contos de fadas.....	12
Blues de bar.....	15
1º dia da semana.....	19
A eternidade é um longo compromisso.....	22
Não julguem com severidade.....	25
Fábula.....	27
Impeachment.....	29
Crônica bem conhecida.....	32
Notícias tristes te esperam no Natal.....	38
Tardes manchadas de sangue.....	43
A camarilha na estrada.....	46
DDD-Blues.....	48
Dia 36.....	50
Escuto sua guitarra à meia-noite.....	53
Musa do Hambúrguer gorduroso.....	56
Enfim, S.O.S.....	58
Ironia contida aborrece.....	61
Porre homérico	63
Aventura para um dublê.....	65
Living on strange days (Parte dois).....	67

PREFÁCIO (Geraldo Lessa)

Da antecâmara do set de gravação, uma voz em off afirma “o escritor não acredita em revelação ou profecia, filho primaz do clã da mentira ele descende de uma raça de víboras”. As luzes apagam e eis que a afirmação se perpetua no escuro.

Neste momento, uma flecha trespassa a garganta do protagonista: – índios? Não, a cultura americana. O perplexo dublê murmura: – Não fui suficiente em substituir o grande ator.

No script de Aventura sem Dublê sempre há o brincar com pólvora por detrás de cada página. A fotografia da demência submerge em pressuposta originalidade dentro da trajetória de Pat Zimmerman, personagem cujo cenário está impregnado de suas tramóias e memórias.

O ofício da escrita equilibra a desordem social e as emoções ininterruptas carregam a ação em seu turbilhão numa história coerente, onde a cena principal nunca acontece. Prevalece a linguagem onírica do escritor na reunião íntima de coisas diversas: cenário, ação e psique do herói decadente.

Entre uma panorâmica e uma conquista (tomada), o ódio, o ócio e o ópio constituem as personagens que se sentem sem objetivos numa época em que estão sem poder.

Agora a mocinha rouba a cena. Ao seu lado, a réplica do anti-herói, esquadrinha a esmo seu revólver contra o espaço-tempo: como toda a nação dos super-homens está afetada, a figura do herói abstrato vem desvendar o único crime: a mentira.

Para o simples leitor/espectador, resta um sorriso pálido e a sensação de que tudo é patifaria e o real transcorre por fora do milagre cinematográfico: – onde o verdadeiro assassino espera sua hora, porque seu dublê resolveu não receber a flecha em seu lugar.



FICÇÃO, ANIMAL NO CIO E DRAMAS

No entardecer violento, durante um longo espaço de tempo permaneço estirado. Perco a conexão com as horas, sem qualquer marco ou referencial, o significado de ser à parte – um estado particular me agrada.

A tomada espetacular... a longa panorâmica enquadra a planície de cadáveres expostos – corte. A chama do riscar de fósforos ilumina o perfil assassino – um movimento em falso e o Colt 44 livre do coldre mira.

Desconheço explicação plausível para massacres coletivos em shoppings e supermercados. Os assassinos de multidões não devem gostar das embalagens, dos rótulos, das propagandas dos produtos, ou das chamadas veiculadas pelo sistema de som. Publicitários e anunciantes cúmplices? Estratégia de marketing?

Motivos fúteis arquitetam homicídios: o Chefe de Estado alvejado, a estrela do rock tombada, o caixa de mercado com a máquina apontada para a cabeça.

Giro a chave do armário, botas descansam, o cano reforçado brilha. No geral, assassinos não são considerados psicopatas antes de alcançarem notoriedade, não sabemos quando falam sério, desta forma começam problemas e distúrbios.

O rosto limpo e barbeado de estrela, o rastro d'água escorre pelo ralo. Reservo o despedir definitivo ao olhar gélido da garota do postal. O corte de cabelo rente, a pele creme, milimetricamente, avança por sob o continente. Lábios vermelho-sangue, límpida lâmina cortante, negra no tom de dama, fria na paixão, no resvalar, no tatear e no assumir, assim delinee Molly, a garota por quem me amarrara.

– Não posso pirar! – Minha constante preocupação. Espíritos ancestrais evocam antigas premonições, repetidamente alertam-me para os riscos indesejáveis das aventuras cinematográficas dos dublês. Amigos avisam-me de sonhos estranhos e pavorosos, – "um augúrio de morte e de extinção envolve-me", indubitavelmente "ao final" meu cadáver herda marcas de violência.

Mantido em estruturas sem alternativas, brota da frente um desejo ardente de oposição à existência enclausurada, tornando impossível o abafar do exausto estampido no lúgubre latejar da imensa onda de dor emanada do cérebro. Conscientemente inicio o exercício de harmonização; o cordeiro e o tigre lutam em duelo pelo domínio do território próximo à montaria.

Na legenda sob o cartaz leio: "Pat Zimmerman, procurado". Involuntariamente atingira a condição de renegado.

– A mídia não pode afetar a psique.

Lá fora enquanto noite, desfila um galope surdo, repetido insistentemente pela incômoda caravana de diligências e xerifes armados com sirenes. Dentro do "Saloon", o bêbado Gerald, acuado, vaticina indignações e restos de embolias estomacais contra a política econômica do governo. Homens-da-lei uniformizados ou à paisana, nicotina e uísque costumam me deixar enjoado, assim como o incontido vai-e-vem das pessoas.

Na esquina, a aglomeração aflita por notícias procura entender os acontecimentos da crise do cotidiano, o brado seco urge o grito, porém prevalece o silêncio enquanto o barman delicadamente desliza por sob o balcão a dose renhida de rum.

De volta ao motel, mantenho-me na sala de espera. Gasto boa parte do tempo observando hóspedes entrarem e saírem após fazerem amor.

Estacionado diante das frenéticas imagens da tevê, não preciso de concentração. Escorro calmamente os olhos pelo jornal, procurando inspiração, anotações e informações na conclusão do episódio fragmentado, não resolvido, envolvendo a cantora de capricórnio na última estação do ano.

Sweet Loretta Lyn estirada em seda pura e transparente, de rosto barbeado insinua um débil sorriso ofegante, com gestos de moça louca dentro do veloz automóvel. Cruza o "Eixo Norte", ouvindo mensagens insistentes de sua cabeça.

Corrida contra o destino, o mergulho de luxo no escuro soturno da noite com a lingerie cor de vinho por baixo do vestido de noiva. Do céu para o inferno. Enfermeiros perguntam: – Qual o seu nome?

– Baby. Baby sou eu. Loretta Lyn, querido!

Sobressaltada e mergulhada em roupas de doido, Loretta, a ex-noiva do altar, acorda afogada em suor, manchando as mangas – impossibilitada de acender o inseparável cigarro, rodeada de paredes nuas sem quadros, a inevitável perda de memória. Ela tenta entender a solidão da moça abandonada, presa ao leito hospitalar. Fita o infinito pela janela, pensando ser Deus.

Sete dias depois, um clarão enche o severo quarto de luz. Loretta apaga as velas e faz um pedido. No vigésimo oitavo aniversário de Baby, a enfermeira Jones fizera a chapa. Instantaneamente, fotos não identificam grandes mudanças, somente depois notamos as modificações quando não nos reconhecemos.

A foto captara a ingenuidade infantil perdida dentro dela; posteriormente, Loretta a emoldurou, colocando a ampliação ao lado da gravura de um menor da rodoviária, uma recordação triste e próxima.

Para manter o paciente ocupado, presentearam-no com "Almoço Nu", de William Burroughs. Entre páginas, a fumaça morna dos cigarretes acompanha os parágrafos penosos, os enfermeiros nem notaram as cinzas atingindo o carpete. Soou um bipp, às pressas despedem-se. Rapidamente Loretta corre para o freezer, a liberdade do prefixo free dá-se através do gole de vermute. Degelando o coração, ela pensa: "vou chorar e isso não é vergonhoso".

Dois dias depois do aniversário, Lore come o último pedaço de bolo, segura o jornal e encontra seu nome na coluna Todos os Sons. O crítico agradece os votos de "boas festas", o espírito da cantora entra em súbita alegria pela mútua tietagem.

– Acorda. Tem carta para você, de Curitiba. O amanhecer esplêndido e silencioso e tradicional interrompido pela frase mecânica.

Don escreve e salva a semana: "é preciso comentar a loucura e dissipar suspeitas do ato pensadamente alucinado", o trecho sublinhado por Loretta na carta enviada por ele devolveu-lhe as energias. O pensar de Loretta segue a estratégia do contra-ataque. Sair do isolamento e deixar a proteção da solidão da cama para a difícil tarefa de eliminar teses e prognósticos aparentes de total entrega. Só um pensamento: "adeus ostracismo".

Lento, longo e frio. Iluminadamente intenso, ofuscante no brilho, o eterno e preguiçoso senhor do dia, bate forte na sua cara. Através da vidraça, Baby aperta os botões do abrigo e ensaia a corrida de obstáculos pelo quarto. Rodopia de frente a seu posto particular. Através das cordas vocais, Loretta exprime a distância da paixão: um coquetel de saudades, angústias e frustrações.

– Como essa nota desafinou? – Ouvi uma vaia!

A crítica perde o valor, não é inerente ao momento. Baby não deixa de pensar: "quem partira seu coração? Você? Ele? Quem?". Rotina sem dublê: "quando surge o convite para a aventura, é hora de seguir e abrir caminho para o novo, de fazer o necessário para cruzar a fronteira entre o conhecido e o desconhecido, trazendo riquezas espirituais sem preço".

Alguns heróis salvadores de Baby são católicos desbundados pelo uso de drogas e álcool. Loretta passa o tempo lendo Rimbaud, ouvindo Janis, Cazuza, Maysa, Noel e damas do jazz e lembrando-se de amigos: ex-suicidas e sobreviventes amargurados pela homossexualidade. Alguns cumprem pena por assassinatos involuntários, outros descontentes com a prática de sua fé e felicidade, mantêm saudades

das horas de eterna liberdade quando reunidos – apoiados em garrafas – transformavam-se em anjos embriagados, sujos, maltrapilhos e caídos.

A cena incomum volta aos olhos de Loretta: a mesa no terraço projeta o caminho, a alameda arborizada; basta subir, mas faltam asas. Sem elas continua presa e a solidão devastadora empurra para o precipício a reconciliação com o eu negligenciado.

Diante da dose inicial somos iguais. Lentamente o consumo do álcool proporciona imagens e pensamentos nebulosos – nunca atingimos o nirvana*. Em compensação estabelecemos a conexão entre o azul índigo e o preto e branco próximos. Profundamente cada lampejo corta o lembrar da existência, abre lacunas.

Se você possuir tendências suicidas não passe solitariamente o ano novo em um quarto distante, pois, mesmo lá, notícias tristes te esperam ou um garoto indo embora sem olhar para trás.

Fechado em dor e genialidade, incapaz de comunicar-se de maneira convencional ou de usar a última ficha telefônica. Loretta Lyn, a garota do adeus em delírio continua, sendo Baby.



*"Um estado de iluminação suprema, para além da concepção do intelecto"



MELHORES CAUBÓIS TÊM OLHOS DE CHINÊS

Assustadoramente, o rabão insinuante de Molly não cola no balcão. Seus saltos altos deixam de subir as escadas, ela não aparece e nem manda recado, o bar fica vazio. Agora eu sei quanto tempo gasto para reencontrar-me no meio das tentativas de encontrar-me.

Pelo vão da janela, enquanto a lua brilha na ausência de Molly, ingurgito álcool. Tento não me magoar, para não cair seguro firmemente o copo, companheiro que há tempos me serve.

Definitivamente, sei o quanto passo esperando, tempo suficiente para afundar no líquido e tomar gosto pelo incerto. Caio na armadilha.

Escorado sem escrúpulos em minhas botas, debaixo da luz do poste, trago alguns marlboros enquanto aguardo. Somente a visão da garota abafará o ritmo psicótico do corpo.

Momentaneamente, esboço a reação: "quer saber? Vou cair fora". Minto para mim mesmo e isso é perigoso, hesitando encaro a alternativa viável. Sem fantasiar a vida fica difícil.

O corpo solitário do dublê joga cartas pesadamente. Sem fichas afoga-se na angústia: "posso perder... mas magoar-me por causa de Molly? Nunca! Sei que não presto e muito menos ela que não usa de sutilezas ao trair".

Autenticamente insatisfeito, ensaio um vago despedir. Anúncios de néon acompanham o reflexo do concreto em espelhos d'água, manequins estáticos descansam em vitrines vivas; no varal roupas vazias vestem ecos de testemunhas mudas – atestado de solidão e incoerência.

Genuíno desconforto: discar apaixonadamente o número de Molly (que desconhece a dor provocada por sua ausência) e cair na cama lendo o *Assassinato de Cristo* de Wilhelm Reich. Suavemente o odor da leitura dissipa-se.

Para crescer, preciso solucionar os problemas, assumir posições, livrar-me da incômoda sensação de inutilidade. Isso requer capacidade de desprendimento e reorganização, difíceis de atingir imediatamente.

– Querida Molly amarro a pedra no pescoço e salto de qualquer canyon. Fui eu mesmo que dei o nó. Não deixa de ser um começo, triste dublê, na tentativa de encontrar a paz nas sierras, salta por entre os seios, refugia-se da tempestade de lágrimas, indo em direção oposta à do sol silencioso.

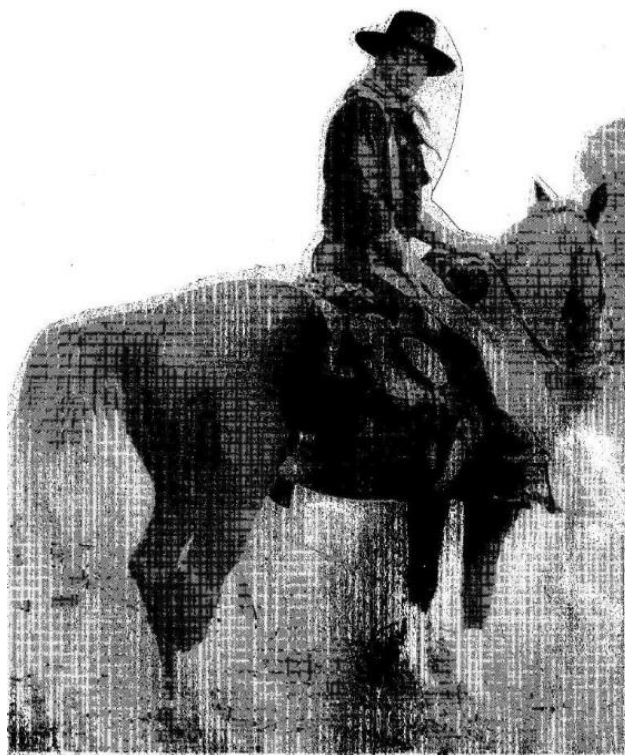
Em casa, Pat Zimmerman amortece o lento descanso da estrada, detido na diminuta cela e trancafiado ele ouve o rufar dos tambores da selva.

A liberdade no bar, dedos suados e presos em cordas libertam sons urbanos de gente sem par na cidade grande. Fora do quarto, longe do desencontro, a harmonia, go-go-girls platinadas giram, dançam, tiram os caras da pior.

Loretta Lyn, a musa do *Elo* em tom "bossanóia" declama: "Light my fire" – arde a trilha sonora da espelunca. Acima da pira, o amor incinerado transforma-se em cinza de cigarro carregada pelo vento.

Molly, distante, tinge hematomas na superfície plana. Maciamente queima as cores pela tela. Tons escarlates de labaredas, cinza anual do pecado matinal e o céu envolto de púrpura.

No *Ano Novo*, espuma francesa. Nós ali, prostrados na parede ao lado do cavalete. Molly finalizava deusas loucas de pernas abertas entre estátuas gregas.



Outra longa noite povoada de giros, sons, festas e cores prossegue pelo fim-de-semana, de sexta a domingo.

Na longa jornada, a sede interminável e o blues do vagar. Cresce a necessidade do parceiro que compartilhe problemas, dores, solidão, substantivos e circunstâncias do cenário faroeste.

Por qualquer rota, de norte a sul, implacavelmente o sol me persegue; ao fim da tarde, o descanso. Nenhuma canção ameniza o tédio.

Uso peruca. Técnicos em efeitos especiais me levam a dublar a mocinha. Vencido o perigo o herói beija a mocinha. Longos segundos, insuficientemente curtos para aprazer o pecado inspirado pelo ansioso olhar infante-juvenil da plateia.

Pseudo-heróis vivem de falsas emoções. O vilão é a melhor coisa nesse trabalho. Em geral o herói nada tem a fazer, os vilões sobressaem-se, ficam na memória, são imprescindíveis. Lembram-se de Vincent Price ou de Jack Nicholson na pele do Coringa em Batman?

– Sou um herói abstrato? E como ficam as contas no fim do mês? O seguro atrasado, as economias a zero – sempre arrisco. A pele e a vida. Pobre destino de dublê, quedas livres não pagam contas, mas salvam bilheterias.

Ao final da projeção, poucos prestam atenção. Não sentem a solidão ameaçadora.

Homens nocauteados pela força do sorriso cinicamente perfeito e do perguntar entre os dentes: – os dublês não beijam? Os espectadores respiram aliviados, aguentam a barra pela continuação quando voltaremos... Palavras emprestadas definem minha relação com a mocinha: "a odiosa vertente azul do teu cromatismo somatiza minha vez de ser otário. Teu amante sem que você saiba – isso dói".

No set, aguardo instruções e o seriado continua. No início você desconhece a sorte que lhe é reservada, "ao final" depois de desmanchadas as expectativas, o incondicional retorno ao Saloon, onde os continuístas fornecerão os detalhes posteriores.

Essa é a película de vários: roteiristas inspiram-se em fábulas e biografias de dublês, pessoas desajustadas, impostores, loucos, profetas, rebeldes, visionários, personagens perseguidos pela ideologia de suas quimeras. A irracionalidade das ações não permite acesso às possibilidades. Na estagnação do cotidiano, os revoltados sofrem, desconhecem as condições, tornam-se incômodas presas para o sistema inviabilizador dos projetos e sonhos.

Padecem na procura da ação e da correspondência. A liberdade foge, em círculos reduzidos isolam-se, a coerência escapa ao domínio, as imagens do sonho correto não atraem seguidores. A sala de projeção estampa delírios em câmera lenta.

Do oeste decadente à mesa calma do "Saloon", "coisas selvagens disparam o coração", produzem enzimas, o medo tem cheiro. Sutilmente, as narinas te colocam cênscio e o pensamento melhora.

O mundo gira em sua trilha e a vida passa entre o pedir e vir da conta. garçons assinam laudos existenciais amargurados.

Sem obstáculos, o vinho desce pela garganta seca. A depressão inibe qualquer sentimento de bem estar. Não noto as garotas de shorts jeans, faltam dedos alheios para morder. Ao lado ouço críticas e discordâncias, a mulher do bêbado Gerald quer me acompanhar. Imagino-me preso ao enorme fardo, maior que as costas. A coluna dobrada num esforço interminável espera pelo esgotar das energias. "Por que o sol brilha?".

Dez para as dez no alto do arranha-céu. O som reverbera pelos ouvidos, na mesa guimbas e cinzas, fumaça venenosa carcome o pretenso ar de mau. O olhar de Zimmerman paira, procura o cândido perfil do canto mal iluminado.

Na despedida: – quanto deu Chico?

Setas e placas seguem. Desdobram-se em vias – entrequadradas. No rádio, um trinado latejante. Os dedos do guitarrista vibram as cordas, esculpem ecos. No emaranhado de notas por segundo Alvin Lee exige a tensão máxima das cordas, no momento crítico o solo cessa. De súbito o concerto mental silencia: "há um eehh da plateia ou da sintonia?". Estaciono e desligo a guitarra.

Estou cercado por aquarelas. Entre elas a cena da primeira noite de amor entre mim e Molly. Rabiscos de mil dólares pelas paredes. Na mesa, enquanto ela autografa, servem água tingida: o sabor aguado da desilusão – vinho vagabundo de garrafão.

A carne de Molly, envolta em preto hipnótico na vernissage, expõe coleções de roupas íntimas automáticas traçadas a nanquim, assinadas pela garota desvirginada há muito.

Estampas de adolescentes grávidas exibem a fibra dos inocentes dezesseis anos. Cerejas vermelhas cobiçadas por bocas famintas e dentes amarelados de nicotina. Jogadores viciados em dados chumbados disputam paternidades.

Molly alterna, experimenta, surpreende; ela nunca deixa a desejar. Preenche as conversas informais das mesas, dos sulcos do disco – a desportista sexual insatisfeita cede aos desejos e impulsos da libido. A multimídia em constante trabalho de laboratório esmiuça fatores comportamentais – o humano: matéria-prima, interesse e alvo de suas pesquisas e impressões. Nas entrevistas, a inversão de papéis. Até o momento, ninguém conseguiu entrar em contato com os relatos do diário. O texto é inédito. Talvez edite em livro. Ninguém quer ficar de fora dos passatempos de Molly.

Vinte e quatro horas sem alcançá-la, sem roçar seu pescoço, sem morder o lóbulo de sua orelha e nem beijar sua testa. Isso me amedronta... temo sair da cama. Um pesadelo ciumento, preciso da música para acalmar-me. Em minutos rondo o acorde afinado, as notas ouvem-me; em troca forneço palavras presas na sensação de afundar para o fim do poço sem esforço.

Na rua, armado de estilete, um louco tatuado ronda a porta de Molly. Na árvore da esquina, ele grava um coração solitário. "Mate-o, atire nele ou chame a polícia! Molly não está segura".

Seguia noite adentro o relato da incomunicabilidade e da alienação do argumento composto de dor, mistério e ruptura.

Psicopatas aguardam pelo desfecho dos casos que ocorrem conosco ao menos uma vez: o casal fiel, separado, intercepta o risco da colisão, voltando para casa por uma quadra deserta.

Por entre vasos capilares, o sangue desliza. Pelos corpos cavernosos, a irrigação mantém a pulsação. As luzes escurecem. Uma hemorragia e você pode brochar. O som é rock'n'roll. A luz é vermelha. A blusa de veludo e a carne lisa.

Evito me machucar propositalmente. Passei a gostar de viver. Com os pedaços restantes do sonho, monto um quebra-cabeça... pesadelos não são passivos – ao abrir os olhos, findam?

Dores de cabeça e breve amnésia: sequelas da grande noite desacordada. O hálito do cigarro, a cara cheia... amassada. Tortuoso caminho de volta. Dentro de mim há um presságio de mau sentimento que me faz acelerar.

Não importa estarmos eparados, a vontade de fazer várias coisas ao mesmo tempo sem saber por onde começar deixa-nos na mesma ilha, velejando pelo sonho da imortalidade, sumindo do mapa, até se ver.

No verso da noite de amor, ela escreve: – Você é pizza e contos de fada.

– Sou só pizza e contos instantâneos, inodoros, insípidos, incapazes de provocar congestão, sem contraindicações, roteiros fugazes ou literatura de bolso. Sempre levo a sério as considerações literárias de Molly. mãe. Sempre vi o rock como excesso de vaidade de atitude, portanto momento de

revelação. Aquela revelação do primeiro porre, quando você passa o sábado seguinte na cama de ressaca, depois de vomitar boa parte dos seus órgãos vitais.



BLUES DE BAR

Ensimesmado pelas conversas telefônicas e enclausurado pela esqualidez do quarto vermelho, abandono as sensações.

Na mesa do *Elo Perdido*, diante do trago molhado e gelado, pagino uma biografia de Howard Hughes – o excêntrico milionário americano, que encerrou a vida viajando para o céu de maneira infernal. O passaporte: uma seringa espetada na pele necrosa do braço.

"Que fim levaram seus bilhões de dólares?". A questão primordial levantada pelo autor junto às alianças entre Hughes e Nixon, sem provar ou desvendar a lenda em torno do mito. Por que miseráveis esboços ficcionais, especulativos, e incompletos de biografias fascinam?

De frente para a estante encarado pelos livros, sentado-se à mesa de metal em falso, descargas ininterruptas de imagens desafiam o olhar ansioso por acontecimentos.

Comungo com os videocliques: "talvez o desvendar do mistério da existência ocorra esta noite". Cores bizarras, veículo pelo qual meus segredos e medos mais íntimos são mentalmente desvendados. As imagens decifram os pensamentos congelados, a ode colorida ganha transparência em harmonia com os segredos empilhados e lacrados da estante.

A cada minuto, o grau de insatisfação aumenta. A cena do milagre, o instante glorioso não aconteceu nesta noite pálida. Com paciência, o Colt 44 trará a fagulha que incendiará a escuridão.

Magrinha, com longos cabelos molhados e ondulados, trazendo em torno do pescoço um lenço florido. Vagarosamente Angie, a mulher do bêbado Gerald, amontoa a ponta no cinzeiro abarrotado. Do alto de seus dezesseis anos, o corpete negro colado realça a silhueta de "avião", nessa idade de ansiosa espera pelo início das intermináveis noites, as garotas só querem agitação e velocidade. Deixa sangrar, "sanguinho novo"!

Ao lado de Angie, Bob, o punk, exhibe o agudo felpo de cabelo colorido colado ao crânio. Na orelha um alfinete de fraldas, músculos adjacentes protegidos pela jaqueta grifada: Dead Kennedys. Violento e narcisista, o garoto bêbado em glória, de cigarro no canto da boca, correntes em torno do dorso, coturnos fétidos, chama confusão.

A performática Angie combina a seda com o cetim, duas pequenas alças fáceis de tirar e o minúsculo te pertence. Corpetes, cintas-ligas, rendas e meias deslizam de maneira nada complicada. Sem as peças o selvagem striptease do corpo de Angie certifica a sedução completa do momento. O quarto faz-se cheio de laços e sedas, a combinação dos sapatinhos no colchão prorroga o clímax, arrepiando o corpo nu, resgata a sensualidade dos bordéis, das profissionais. No enfadonho momento, a visão proporciona a amostra erótica. Por isso algumas garotas mantêm distância e outras aproximam-se de Angie...

Ela abandona a imobilidade, timidamente rodopia, a calça listrada remete ao sonho do som, as luzes falham, Angie senta, levanta o gargalo, derrama o líquido da garrafa.

Aparentemente, sem razões ou despedidas, sigo ao *Saloon*, o bar preferido pela política etílica do bairro. Bebe-se com tíquetes de restaurante, rodeado por filiados do *Partido dos Trabalhadores*, simpatizantes de movimentos dos direitos humanos, simples bajuladores, aproveitadores baratos, eleitores sem título, moradores sem teto e namorados sem par. Um artista desempregado, de "havaianas", passa despercebido, mas o cara bem vestido, segurando a sombrinha, não tem a mesma sorte... é insistentemente observado.

– Será a sombrinha japonesa? – Imóvel, ele indaga a si.

Don, o garoto da sombrinha, silenciosamente, assina o cheque, e ao datar, medita, concluindo: – 8 de dezembro. O que te lembra?

– John. Faz dez anos hoje... de mau humor retruco.

Ele corrige: – treze anos!

– Isso mesmo Don, doze anos sem o messias da contracultura, recordo a data e a hora em que fomos baleados por notas em rádios, tevês e jornais. Senti-me cúmplice, I read the news today, oh boy.

Manchetes & Tragédias! Aproveito a carona para vagar no tempo, no Maracanã em 50, na arquibancada, no meio da maior torcida, do maior estádio de futebol do mundo, totalmente lotado e emudecido. A incrédula torcida assiste em casa à derrota do Brasil perdendo a Copa do Mundo para o Uruguai.

No retroceder contínuo, quatro anos depois, o despertar da manchete do Última Hora: Cumprindo sua promessa: "Só morto sairei do Catete" GETÚLIO VARGAS SUICIDOU-SE.

Tio Sam também experimentou esse sentimento precoce de angústia, de comoção e abandono coletivo devido à repentina partida de Kennedy, em 63. Sempre que citam Lennon, automaticamente, associo as cenas, os tiros e as mortes de Gandhi, Vargas, Kennedy e Guevara. O beatle John, político do riso, filósofo da paz e do amor, teve sua política, como a de Kennedy substituída pela do FBI. Na batalha pela imortalidade, Lennon perpetuara o nome. "Menos pior" – diria o beatle...



A América e a necessidade de consumo. No cardápio: personalidades, mitos, musas, exilados, títeres, marionetes, o sonho azul, vermelho e branco da liberdade feito de trivialidades, cartões de crédito e exploração das angústias alheias, da paranóia e do medo – o fascínio da maçã. "Viver e morrer em New York", a cidade do mundo escolhida por John Lennon e Sid Vicious para obter a imortalidade perversa. Falta-me botas militares e o penteado espetado. Definitivamente, não abri mão da ira contestatória punk.

Descaradamente no balcão, o enigma zen flerta com a bossa nova. O cavaleiro solitário acompanhado pelo "reverendo" Harrison, um saudosista "snifado", livre do mofo do bar e do odor de couro molhado, exala éter. Donald Harrison, o cineasta com o palato anestesiado, deseja passar a noite em trânsito.

– Não posso terminar assim, voltarei à cama inexpressiva, amante dos fins de noite, onde por entre fronhas e lençóis o "fuque-fuque" começa e termina.

– Preciso parar, dar um tempo, mudar de vida, comprar pesos, tênis, malhas, correr, consertar a bicicleta, fazer abdominais, isso me deixará atraente – pensamentos sólidos na noite líquida.

No meu rosto, próximo de uma espinha, surgiu uma marca roxa. A repentina perda de peso preocupa-me. Preciso esquecer a última transa, os sintomas podem ser de ordem psicológica. Sei, sempre soube por onde devo andar e com quem devo cair na cama. Estou infectado? Preciso de coragem para realizar o teste de anti-HIV.

Entretanto, à noite... vejamos, acabo de chegar, e maliciosamente Angie me sorri. Conheço o paletó marrom que vai abaixo de seus quadris, talvez ela não o devolva. Roupas masculinas combinam com mulheres, tomara que elas não inventem de usar cuecas, seria estranho, mas existem marmanjos usando calcinhas.

Na mesa das meninas, Bob, o charmoso boneco do topete punk, troca de lugar, aproxima-se de Angie – isso me irrita.

Representávamos os mesmos papéis das velhas reuniões: sairíamos do "sério" e cairíamos de bêbados, dores emergiriam e juraríamos não mais compartilhar a mesma mesa. Minhas considerações a respeito do conteúdo descartável da conversa são dispensadas, talvez por permanecer abstinência, pedem a parcial e assinam vales.

Angie, a garota do couro negro e das partes graciosas, insinua decotes que podem abrir a qualquer momento. Lápis preto ao redor dos olhos e sombra verde nas pálpebras, o olhar de coral, escandalosamente venenosa. Ela não é apenas carne tenra, possui uma boca vibrante, cartaz armadilha, avermelhada, o precioso batom carrega de expressão o rosto pequeno da figura de gênio irascível. Tivemos bons momentos. Bêbada como em vezes anteriores, ela propõe sugar o meu amor – não pude levá-la a sério, por prudência fugi. Ela me botaria numa quente: as mulheres trepam com amor, e Angie não é exceção.

Com a sola molhada dentro dos sapatos, piso o mundo, procuro conversa "revolucionária" nas mesas vermelhas com o logotipo branco da Brahma... ouve-se o entoar de Espanhola.

Dia perdido, outubro distante, ano esquecido. Eu e Angie assistimos ao duo de Flávio Venturini e Toninho Horta no *Gran Circo Lar*. Como "Espanhola", composição que detesto, é capaz de recuperar essa recordação? Vinte anos atrás, Flávio Venturini pertencia ao Terço. Nutríamos enorme admiração. Os tempos mudaram e o grau de admiração também.

Não pude evitar, volto ao convívio do *Elo Perdido*. Rostos conturbados de seres bizarros e corpos rápidos comandam o movimento, alucinados cantam, correm e marcam ritmos... demoro a sair, sempre que me levanto para zarpar algum doido me convida para outro trago.

É dada a hora da "mosca de balcão" voar. Pego a capa de chuva e desço as escadas. Encontro-me nas vielas.

Dias úmidos sem vaginas, noites curtas sem sono, o corpo cumpre a rotina: cama até o meio-dia.

O homem de farda amarela deixa a conhecida indagação: – "já experimentou?". Riscos cor de prata, pingos da chuva inglesa no ocre árido da aniquilação desértica do papel; um postal amigável, distante e sentimental, voto de boas festas. Leia-se (bons tempos).

Stone Angel gosta de envelopes ilustrados, através de arte-postal ele embeleza missivas e postais e sempre remete a mesma pergunta, varia apenas nas imagens, capturando o clima da incurável toxicomania. Stone conhece o valor lógico da pergunta: – Are You Experienced?

Às vezes eu respondo. –Yes. I'm Experienced. Ou uso a frase It's getting better all the time como recurso de equivalência psicodélica.

Antes da partida brusca, Angel aspira noz-moscada. 48 horas de devaneio. Na cama viaja, expediciona o grande labirinto.

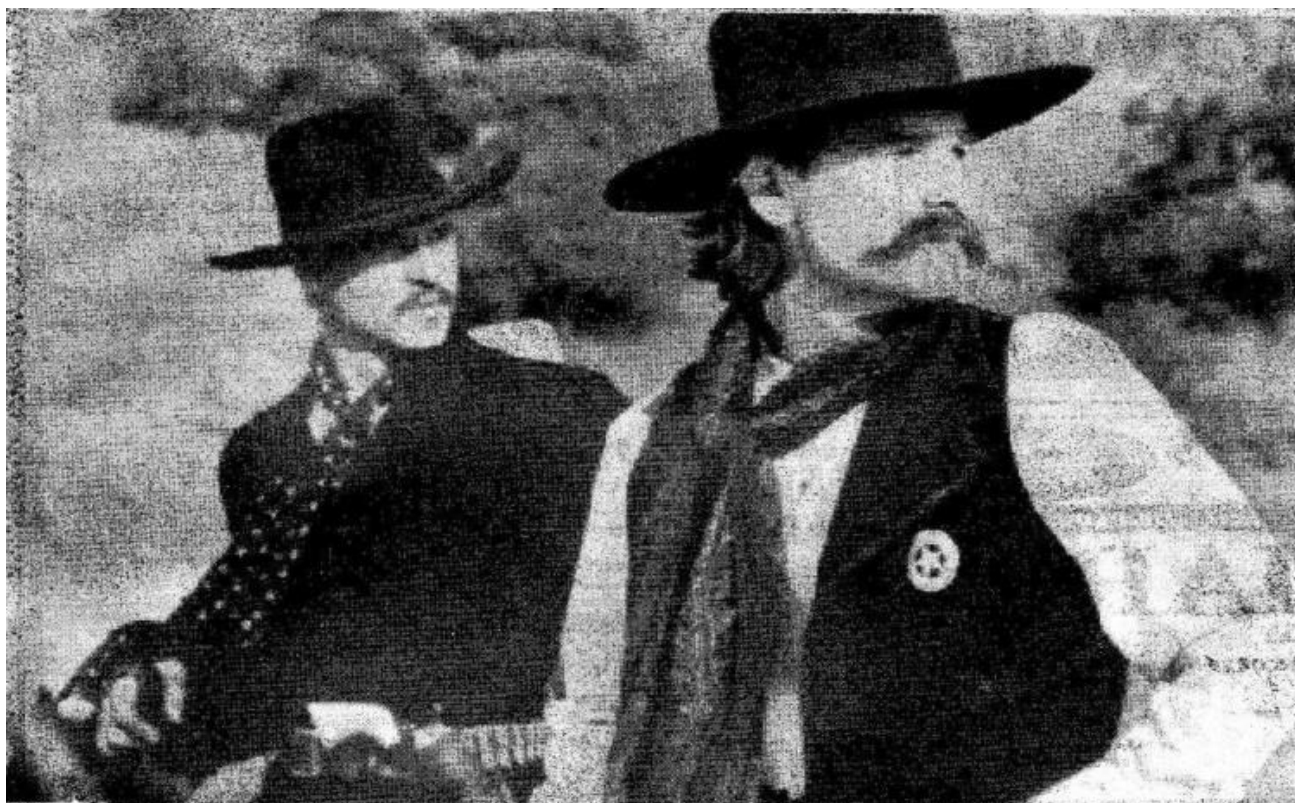
Ao abrir os olhos é sentenciado: – Faça as malas.

Nem teve tempo de narrar as maravilhas da recente experiência. O pai de Angel nunca lera *As Portas da Percepção* a íngreme defesa das drogas psicodélicas – e forçosamente convivia com o filho "ligado" nas aventuras de Aldous Huxley, nos versos de Jim Morrison e na guitarra de Jimi Hendrix.

– Destino? Depois de feitas as malas, Rio de Janeiro. Após algum tempo internado, Stone revela ao diretor da clínica como conseguia as bolas e os ácidos. A fama de dedo-duro espalha-se e ele consegue escapar. O "Comando Vermelho" o jurara de morte.

As performances de Angel fazem falta. A última fora a viagem almiscarada. Pregado, o interrogativo postal descansa ao lado de fotos amareladas de trovadores, bardos, místicos, artistas e bailarinas.

O "já experimentou?" de Angel, insinua uma indagação: "já fora amado?". Em breve ele receberá a questão...



1º DIA DA SEMANA

In memoriam Vicente Sabino, o mais bem informado dos barmen

Noite passada não contive o ímpeto e gritei. O berro uivado, dilacerado, acordou parte do prédio e meia dúzia de mendigos. De manhã, tento ouvir o Banquete dos Mendigos, dos Rolling Stones... mas só de ver o litro de 51 e a comida nas tigelas, fico embriagado e sem apetite.

Ressaqueado, como é difícil escapar do domingo. Lá fora, através da vidraça vejo na pista um garotinho de chupeta com blusa de frio e bundinha de fora. Ele pede trocados enquanto o pai de porre descansa debaixo da árvore.

O primeiro dia da semana não me reserva horas agradáveis. Pontualmente às quinze para seis, as irmãs de saias abaixo dos joelhos e cabelos longos com polpudas bíblias e algum trocado saem da toca, descem para a missa dominical. É hora de sair.

É humanamente impossível conter o tédio dominical. Pelo braço o bêbado Gerald me puxa para mostrar os hematomas da recente briga conjugal: apanhou de Angie e do cunhado. "Ela é uma pantera" – arranhadamente disfarça.

Sr. Harrison (o cunhado agressor), com a barba feita, bem vestido, mantém a fidelidade. Segura o conhaque sem perder a elegância. Don divide a mesa com Lui Constantine, o sádico barman do "Saloon", um bode de chifres enrolados; além disto porco e sem-vergonha, estuprador de criancinhas – egresso de um conto da pior ressaca do venerável Bukowski.

O ex-policial Constantine, recentemente aposentado e separado da mulher, aluga uma casa quadra abaixo. Lá o velhote afirma viver num ninho de amor com uma gata de 16 anos. A ex-senhora Constantine tem o triplo da idade da gata.

Constantine adora suspensórios e linhas verticais nos paletós sebosos, calças folgadas de gabardine, o cabelo ralo assentado por qualquer pasta, o bigodinho fino (parece ter sido traçado a nanquim), calçados brancos (roubados de algum ambulatório) e gravatas coloridas. Don Harrison sorri. Pede que eu preste atenção à habilidosa lábia gosmenta do ex-policial, ele desconhece: – "sua irmã, Angie transa com o barman. O que dívida de bar não faz!".

Constantine, de pés espalhados, joelhos curvados e juntos. O tronco inclinado para trás e os braços em posição de ataque, transforma fregueses em vítimas potenciais de interrogatórios. Para me distrair, penso nas manias e desejos sexuais do dedo-duro. "Francamente, não dá! Como aguentá-lo?". Nesse estado de embriaguez, Constantine é incapaz de "endurar" o cacete. Apenas diz impropérios e sonha enquanto a gata mama leite em tigelas. Constantine será o padrinho do casamento de Don. O alcaguete confidencia: – "O noivo tá com nada". Caso o cara não chegue junto, Constantine comerá a afilhada, ele próprio garante a proeza.

Em outra mesa, pelo hálito, sinto que o trio acabara de incinerar um charo. O papo é maneiro e Stone Angel "ligado" no meu semblante, recorda: – Ansiosamente Constantine esvaziou o bar e me chamou atrás do balcão. Tinha em mente uma cortesia de aniversário; sussurro ofegante, o hálito quente embriagado na orelha, a mão boba do cana forçou o zíper da minha calça. Aquilo me assustou. Quando não topei, Lui disse que fazia aquilo por afeição. Irado abandonei o bar e o mandei procurar outro objeto de afeição. Na primeira mesa que sentei relatei a tentativa de estupro transformando o aniversário numa bebedeira memorável.

Angel pergunta: – Depois de unificado, o Vietnã tornou-se socialista ou capitalista?

Segue o interrogatório: – Ó meu, tá triste, ou resfriado?

– Falta de sexo – retruco sarcasticamente.

Só me resta um real e ir, antes que alguém famoso chegue e pergunte: – Está escrevendo?

Aproxima-se da mesa o ex-jogador Joe Speranza, educadamente cumprimenta a todos. Por fim pergunta: – Nosso escritor está trabalhando?

Quando garoto, possuía um álbum de figurinhas com a cara redonda de Joe, famoso craque do futebol dos anos 60 que não vestiu a camisa canarinho. Joe julga-se injustiçado por não ter sido convocado para o escrete de 70, essa é sua mágoa.

Atualmente ele vive atolado em dívidas. Quando não procura jogo de cartas, treina os meninos na escolinha de futebol. Em campo é conhecido como o *Treinador Speranza*. Ele anda mal das pernas e quer desabafar. A enfermeira Jones, sua esposa e mãe de um lindo casal de crianças, não se esforça em compreender a quase exclusiva dedicação do jogador para com a escolinha de futebol. Miúda e velha, a enfermeira sustenta a família, administrando medicamentos e cuidados a pacientes especiais. O troco ganho por ela fala alto, seu marido está visceralmente embriagado e apaixonado. A amante de Speranza entende a ideologia da mente e do corpo, a importância das jogadas de linha de fundo. O exponta direita solicita fidelidade à amante enquanto durar o caso, pois ele pensa em trocar o lar pela compreensão. – Esse jogo não terminará bem: "O Jogador" é violento. Recordo os resultados dos casos anteriores e sei nem Garrincha salvaria essa partida.

A ofensiva norteia a ousadia. O ponta apóia as pernas, sente o carpete abaixo da mesa e rola a bola de intermediária em intermediária, a cotovelada arriscada e ele foge livremente para a linha de fundo, cruza o olhar para o relógio de pulso e aguarda o segundo tempo. Duas e meia da madrugada, a caneta em riste, o pontapé inicial do segundo tempo. Ainda é cedo. Domingo... ontem sábado. No tocante ao texto, depois dos relatos, a conclusão óbvia: o time anda mal das pernas.

Certa vez o bêbado Gerald disse que acabara por entre os seios dela. Agora Angie mantém um caso novo. Ele ruge, zune, cheira, bebe, fuma, passa noites em claro, acidenta-se e transa três menininhas por semana. Mas não consegue esquecê-la. Angie com os cabelos tingidos de ruivo, branca como neve e apaixonada por Bob (o traficante punk, dono da grana fácil), entrou na transa das drogas e pensa em trancar o semestre para passar noites quentes no litoral nordestino, acabando na rede com o garoto rijo sempre a fim de entretê-la. É selvagem o sexo praticado com volúpia.

O repertório de fossa de Loretta Lyn, despedaça corações, bate a vontade de "acunhar" alguém, procuro insistentemente...

Elegantemente abrigada no trapézio preto, Molly demonstra cuidados com a aparência. De costas, a insinuação do volume continental do seu traseiro é reservado pela blusa comprida, que impressiona exibindo a transparência dos seios desnudos. Cabelos recentemente tingidos de castanho-mel, esguia, sem salto alto, despede-se, sem beijinhos. Elimina-me a noite, parece nervosa, pensa que eu insistiria e ela teria de colar sua boca carnuda no meu sorriso cínico.

Pela manhã me masturbei pensando em Molly que agora me dispensa com autoritarismo de princesa. Ela não compreende que quero ter todas as fodas de todos os dias de todas as horas com ela. Volto para casa em cacos.

O cheiro acre da louça invade o quarto, onde horas antes ensaiamos o número confortável.

Transportada aos píncaros mais altos do êxtase, extasiada de lamber a língua invasora de canais, descansa. O orvalho viscoso sacia a sede do jardim de rosas, a ingrata essência do perfume e os ramos espalhados no lençol da cama provoca a recorrente situação em que as mãos preenchem as lacunas. Não há como esquecer que 69 fora descomunal.

Estou cercado por espelhos embutidos, toalhas, a água estagnada, fornicada por insetos mergulhados na privada. A água corrente da pia branca traz acima lotes de vidros de loções, escovas de dente gastas e lâminas cegas.

Amanhã, segunda-feira, imensa, depois terça suspensa, no ar a nota respira e sussurra; em seguida quarta e o carro atinge 100, corta o *Eixo*. Na quinta quero morrer. Enfim sexta, e o vestido é de que cor? – Preto sonâmbulo.

Meus semelhantes estão em outras mesas, noutras capitais. Lá preferem permanecer. O âmagô impede-me de ser coerente e a coerência segue as normas. Tanto em campo, como no trânsito o sistema é a cor: Vermelho suspenso. Verde liberado. Mas cuidado, pois existe o amarelo – então atenção com a maciez e a ternura.

A ETERNIDADE É UM LONGO COMPROMISSO

Dias insuportáveis de um mês coercivo. Tortuosos pensamentos esvaem-se para o nada nesta longa semana de dezembro. Como em tantas tardes anteriores, imerso em melancolia, antevejo o desacordo. Diante do ano morto o cortejo diário desfila. Dias infundáveis desmancham-se em semanas longas, tardes manchadas de sangue e esperança no calendário perdido na UTI da quarta estação do ano.

Folhas caídas, capítulos esparramados, tragédias sepultadas, caminhos quase esquecidos pelas passadas largas e pelos risos despreocupados – mãos alisam cabelos, olhos compartilham o brilho lilás do dia refletido nas lentes espelhadas, botas descem por sobre a trilha próxima ao fim do inverno pálido, enfraquecido. Eu, errante e feliz.

Na tarde, lembranças confusas de um dia 36 quase perdido. Reencontrado e redecorado pela memória.

No quarto barato, o ponteiro menor mede o tempo. "A eternidade é um longo compromisso". Fim da tarde de sexta-feira, em companhia da garota da esquina desfruto aventuras sexuais – o tilintar imaginário do brinde, o rufar intransigente do trânsito e a difícil arte de aguardar pelo show com o ingresso comprado.

O sorriso congelado no tubo.

– Boa noite. Pensou em mim?

– Você me viu na televisão? Não tenho sido bem comportado.

O ruído intermitente, a linha caíra...

Mergulhado na noite paulista, explorado numa birita, esforço-me em ser alguém no *Persona*, enquanto Pepe, o dono do bar, brinca ao piano com baladas portenhas.

O cineasta amador, que filmou o protesto dos universitários na "Esplanada dos Ministérios", corta o fluxo. O videomaker fala do show do Zé da Gaita no *Bom Demais**. Subitamente, o apreço pelo bar e pela birita desaparecem. Deve ser minha cara de recém-largado. De antemão saco: nada pode estragar-me a noite na *13 de Maio*, "inferno astral" da Vanessa, minha eventual correspondente paulista.

Na *Livraria Pau-Brasil*, tento vender minha produção literária. Sutilmente escondo o hálito embriagado, mastigando um chiclete nervoso, lançado canto a canto da boca. Quero vomitar por sob o balcão de espera. Ângela Annunziato, a gerente assina o recibo da consignação. Nos próximos quatro anos inutilmente, tento receber a grana dos livros. Até hoje nada mas não desisto, caloteiros.

Habilidosamente, Vanessa "Blow-Up" evita recordações e certos assuntos, caixinhas de segredos e memórias, seu existir é uma aura de mistério e sigilo, ela nunca esclarece o "inferno astral".

"Blow-up" nasceu problemática. De berço, ela errou ao envolver-se com artistas. O que seria da vida se não fossem os relacionamentos?

Após a festa do rock, quatro músicos cabeludos, lá pelas tantas descem em alta velocidade pelas avenidas da *13 de Maio*, na roleta paulista, o Dodge Dart avança sinais – a rádio-patrulha acionada.

Pelo tamanho e velocidade do carro, os jovens são descritos como possível quadrilha de assaltantes de bancos, ou pior, terroristas. Hoje o termo seria: sequestradores!

– Uma apreensão desse tipo vale uma semana de folga – resmunga o policial.

A perseguição ao veículo suspeito é iniciada. Logo colam na traseira do Dodge. Entre esquinas emparelham, a pista encurta, o bólido preto colide com um muro. Imóvel ao volante, levemente embriagada, "Blow-Up" não possui habilitação. No carro "emprestado" do pai, (rico industrial e no lance do raro prazer), os homens-da-lei encontram os ingredientes dos famosos cigarros que dispensam verbas para campanhas promocionais. Uma pequena apreensão, delitos menores.

Próxima colisão: Chefe do Distrito Policial. Os garotos não possuem antecedentes. O delegado alivia mas o fato faz a festa dos jornais, que trazem as iniciais dos envolvidos. Entrevista com o dono do muro derrubado – aborrecimentos. Lógico que os pais não gostaram de ver os nomes dos filhos em seção que não a social.

A narrativa policial, sem sutilezas, transformou-se no "inferno astral" de "Blow-up", desde então ela evita avenidas, bares, muros e palcos da "13 de Maio".

Meio-dia no relógio. No prédio em obras, frente ao quarto de hóspede, a grotesca trilha sonora das britadeiras não me deixa mergulhar nas nuvens. Tenho um pesadelo: quilômetros e quilômetros de enormes e pesadas correntes envolvem o bairro, não permitindo a saída ou entrada de ninguém.

Acordo desprovido da obrigação de dizer nada. Quero interrogar: – "Blow-Up" quer me por para fora do apartamento? Mas o maxilar não obedece...

Desencantada, "Blow-up" quer me expulsar. Ela não entende e não acredita no sucesso de romances ambientados em Brasília. – Para ela, ninguém lê livros! Ela está desiludida comigo.

– Pela porta a paz fugiu quando entrei – retruco.

São as impressões das primeiras vinte e quatro horas de conflito e convívio. Eu, ator de único personagem: "o anjo torto das calças mijadas", não fico um dia sem me abastecer, e ninguém quer saber ou dividir a volúpia alcoólica do anjo. Como fórmula de sobrevivência, finjo ter problemas para que os amigos suportem o personagem.

No alpendre, macarronada ao meio-dia de um sábado tipicamente paulistano. Contemplo o parque, enquanto no escuro "Blow-Up" profissionalmente ganha a vida revelando restos ou os últimos momentos de vítimas fatais de atropelamentos e colisões. Sua coleção de fotos embrulha estômagos, o seu é forte. Algumas das fotos de "Blow-Up" estampam jornais populares, campanhas de trânsito e capas de discos de heavy-metal. A variedade das chapas ilustram processos, laudos cadavéricos. A assinatura do olhar fotográfico de "Blow-Up" revela controvérsias.

Seus finais de semana são reservados para fotografar shows. Posteriormente, ela revela centenas de postais iguais: camisetas negras com logotipos inteligíveis, longos cabelos escovados pelas irmãs e caras-de-mau para porta retrato do dia das mães. Somente roqueiros ricos fazem penteados e compram roupas de couro para as lentes. O rock paulista não é o mesmo. Esse tempo não me pertence. Navegamos no mar da tarde tendo como mastro imensos charos generosamente enrolados por "Blow-Up". Tristes bonecos de isopor, manequins estáticos, decoração de vitrine estacionada e estendida apaticamente diante da televisão, esse é o retrato de nossos corpos cansados e misteriosamente assexuados. A química não funcionara.

Buscamos refugio no violão e na métrica gaúcha de Nei Lisboa. Decidimos não sair e nem dizer alô ao telefone. A sensação de ser acorrentado e imobilizado nos impressionou. – Somos os Carecas da Jamaica numa bad trip?

Dia seguinte, a caminhada nua desrespeita a placa e pisa o verde da grama. Repito o trajeto da infância, os primeiros chutes numa bola, a maldade de sofrer rasteiras, os golpes traiçoeiros desferidos pelas costas, dores, levantar e deparar-me com o nariz quebrado, sangrando, a guerra suja de rasgar os botões das camisas, o roubo de cadernos, dos lápis de cor e dos copos para brincar na areia, a primeira semana no jardim, longe da segurança do lar fora danosa. De volta a realidade, lembro-me de Glauber Renato, ele haverá de passar por isso?

Com medo do retorno, levo considerável eternidade em chegar à velha rua suja de detritos, onde passei a infância (nunca gostei do nome do bairro, da rua, do número da casa). Conservo o temor e o fascínio dos dias escolares: um tempo ao mesmo tempo triste, pessoal e passional.

Quanto mais me esforço em recuperar a mais antiga recordação, mais persiste a certeza de que não dá certo compartilhar o leve arejar das costumeiras indagações interiores, do genuíno e ilustre desespero. Pela estrada do parque assobio o velho tema de socorro, doce retorno ao rock'n'roll – saudades da gandaia.

Tento não pensar em Molly, esforço em vão. Escrevo-lhe cartas, ela desconhece o meu paradeiro.

Acompanha na noite de néon do planalto. Na mesa do bar, Molly, de vermelho amarga goles e cerejas do martíni sem vermute.

Amanheço em esquinas desertas, ando em luminosas ruas, padeço em filas, escalo andares de concreto, pena que não me lembro de como entrei nessa. Não costumo me azarar. Tomado pelo personagem do "anjo torto das calças mijadas", escrevo: – Miss Molly, perdão por tais abissais postais, somente tolos sonham e escrevem. Os delírios (cognoscíveis), o esgotamento, o desprender, o largar do ser no fluxo infinito, o mergulho nas ruas iluminadas e decoradas pelos rostos da multidão.

Quando estou onde vivi a infância, retomo e revivo experiências que auxiliem a fuga de alguma aventura danosa.

Inocentemente, transeuntes atravessam a alameda. Não sem antes olharem os ponteiros. Ando ao lado do terreno baldio de frente para a viela retangular, caminho por entre a passagem suja das ruínas do velho cortiço. Apesar do padrão de cortiço ele me cede modernidade e intimidade e me sinto um estranho: – "Sou uma letra que aguarda o assento do ônibus, cinco, dez, quinze anos percorro a mesma viela". Meu futuro intimamente relaciona-se ao templo estacionado no tempo.

Dentro do ônibus, a individualidade perde-se na vista do Tietê, um rio que passa pelo meu "inferno astral".

O singlar me retorna ao ponto de origem. Na estrada o sabor do vento morno devolve a índole à necessidade de um veredicto onde defesa, acusação e réu fazem parte da mesma testemunha.

– Onde pertence meu ser?

Pelo caminho suave ecoa o velho assobio de socorro. Doce despedida, saudades da realidade.



NÃO JULGUEM COM SEVERIDADE

De volta ao apartamento de "Blow-Up", a audição na vitrola dos Rolling Stones: riffs distorcidos e vocais estereofônicos. A coletânea americana *Hot Rocks*, comprada na *Baratos Afins* resgata a essência e a inocência perdida da era dourada do rock'n'roll.

No verão de 75 eu, estudante de calças curtas, me apaixono pelas irmãs mais velhas do vizinho. O despertar sexual me encabula. Garotas de bermudas ouvem rock pesado, anacronicamente, eu curto o revival morno do rock branco dos anos 50; a hipotética volta dos Beatles estampa as manchetes musicais dos 70, a década que espera em vão pela reunião dos garotos de Liverpool – prenúncio da minha adolescência embalada pelas leituras da revista Pop, das cenas do Sábado Som, programa de tevê do Nelson Motta, e da inebriante alegria radiofônica do programa Cavern Club, comandando pelo saudoso Big Boy.

O memorial cristaliza uma melancolia repentina. Hoje permanecem lembranças, e o mesmo gostar pelos fraseados ácidos e distorcidos de guitarras, letras urbanas, ululantes refrãos e Little Richard esgoelando: wop-bop-a-loo-bop-lop-bam-boom. Assim eu passei aquelas tardes de sábado.

Mesmo à distância, a influência se faz presente. Don é fidedigno ao legado: back to mono, gosta somente de vinil e despreza o som digital assim como Neil Young. Ele possui a coletânea dos Stones e, quando a segura próximo a mim, especula: – Quanto este disco valerá no ano 2.000? Seu questionar fora decisivo na hora da aquisição. Brevemente o disco estará na estante e quando Don encontrar o precioso vinil, momentaneamente chocado, evasivamente, reagirá: – Não me lembro desse?

Palmas, milhões de ecos na cabeça: é melhor tirar os fones. Nas trilhas de pedras me despeço de um rolling stone amargurado por natureza com seus problemas. Penso no senso de justiça e na alma atormentada do frágil guitarrista – Brian Jones combatia a angústia com música e barbitúricos.

No céu suburbano da madrugada de Londres, o rosto etéreo de uma deusa desenha-se e flutua como névoa.

Não obstante, essa visão serve de inspiração e conclama Brian Jones a preconizar a prática do bem. A crença na importância dessa missão, e a impotência real que ele sente para empreendê-la, aliada ao desejo intenso de agradar as pessoas, são as maiores fontes de tormento para o guitarrista.

Com uma cara perfeita de anjo além de modelo de herói, Brian Jones possuía um talento musical celeste. No funeral, leram o epitáfio que escolhera: "por favor, não me julguem com severidade". Nas últimas palavras em sua memória ele continuou a requerer compreensão.

Jim Morrison, síntese da atitude hedonista em identificação, compõe para Brian um réquiem definitivo que incorpora inquietude e arrogância. Símbolos da essência sexualmente ambígua e malévola dos anos 60, Brian e Jim pagaram um tributo caro e fatal. No ato final a água purificou os corpos arrebatando a fúria, a perseguição e o ressentimento com que as instituições os trataram.

Será que ele vai feder? / Quando for carregado para

O céu / Entre

Muralhas de música / De jeito nenhum

Os versos restantes da ode de Morrison transcorrem num jogo de palavras com uma gama de citações teatrais. O drama surreal dimensiona sofrimento e amargura vividas pelo par mítico. A estrutura impressionista extrapola o papel e projeta a premonição: Jim Morrison e Brian Jones morrem na água e na mesma data – 3 de julho – com dois anos de diferença. Morrison em 71, vítima oficialmente de

ataque cardíaco numa banheira de hotel em Paris e Jones em 69, oficialmente afogado na piscina de sua casa depois de uma crise asmática.



FÁBULA

SP, sol frio de fevereiro de 92.

Eterna Molly.

Escrevo fábulas, e todas começam com "era uma vez"...

Em breve, estarei no ponto. Traga a dose de vinho e domarei o monstro sem garras. Use a pintura e você se sentirá como palhaço de público cativo. Penso em fugir: violar a fechadura, passar a porta, deixá-lo no cativoiro, e exibi-lo sem cobrar entradas.

Não esqueça, acredito que podemos abrir a mesma janela, fugir do caos e dividir a mesma vista. Antes da fuga, grito e sopro, a plenos pulmões, a vela dessa embarcação. Vou ao encontro do seu sorriso abusado!

Saudades do desenho delineado, incansavelmente, da aura desnuda da frágil estrutura da aurora – retícula suave e permeável. Forçar o beijo quente no busto de estátua fria, erigido troféu em forma de cripta, acordar ao seu lado, olhar para o relógio e afundar em tecidos nobres e finos.

Despedaçar membro por membro os nossos corpos, recortar perfis da face, levantar e ir à cozinha fechar a torneira, resgatar o pijama e continuar a andar para descobrir que você não está sozinha. Um quarto de hora, o portão fechado, a cama retangular, o som não captado, dias e dias inúteis sem emoção, paredes despedaçadas, prédio desabados.

– Adeus! Receba o partir como oração de retorno.

Mãos e letras trêmulas, sangue, tinta, verniz escorrem, o álcool etílico corrói, diante dos goles juramentos e cordialidades desprendem-se.

Mantenha a perfeição nessa fábula, nesse caso momentâneo, nesse encontro, nesse interlúdio, ouça sermões – explico. Angústia intensa e medo de morte, estou na síndrome do pânico.

Respiração rarefeita, tonturas, ondas de frio e calor, o corpo nu deitado no carpete mergulha no oceano de ilusões. – Você jogaria a bóia? Isso acontece, trabalho com atrizes, conheço esse script...

Molly, estrela de cabaré, penhore a aliança e financie a festa de descompromisso, venda os sapatos do armário, tranque o semestre de Odontologia.

– Escrevo fábulas...

Me encontro nos rostos estacionados, com esperança do melhor modo de contemplar a vida; assisto ao desfile. Descontrolado, aguardo o terrível ansiar do atraso inevitável da mocinha.

O Domingo abate por sobre o dia. Molly vive o estático drama familiar da falta de grana. A beleza da carne é frágil, descrença afastada pela esperança, a poesia reconstruirá os sonhos: o herói desembainha a lâmina, rompe a carne e desvenda a intriga dos rostos anônimos. No semblante, o sangue jorra interminável pelo golpe desferido, a espada esbarra, expulsa, traz a delícia da dor emocional gerada pela vida desperdiçada.

Sentenças breves e o inevitável descortinar dos fatos revelam a grandiloquência mastodôntica da hegemonia do corte metálico na carne. Da torre, o caminho de fogo alarde pelo firmamento e nesse inevitável dia sangrento você, em véu de luto, vela o prosaico corpo do seu senhor. A coroa rolou para dentro do cesto e a cabeça desfilou na ponta da lança – não se ouviram gritos de arrependimento. No domingo sangrento, as peças colocaram o rei em xeque-mate, a rainha perdeu a ação e Deus não salvou os lordes!

O tirano reinou apoiado e glorificado pelos súditos e vassalos condenados pelo mortal pecado: existir e dar-se ao luxo de deixar a imaginação do déspota, domar-lhes vida e destino, glória ao rei dos confins! Quantas vezes o coro repetiu? Quantos impostos são necessários em detrimento às liberdades individuais?

Acomodação é sentença de morte. A individualidade monogâmica no corpo social implode patrimônios e serve de exemplo para a posteridade.

Grande Molly, pelas linhas das mãos você lê a sorte, da sua voz emerge o sublime acalanto da sedução, afundo, desço, atraco. A sede é mantida. Confinado em correntes, o anjo torto emite o canto da procura da liberdade. Exilado, o poeta trama a revolução antes que alguém crave no crânio o golpe contrarrevolucionário definitivo da história.

Sussurra, bela senhora! Gentilmente, emita gemidos e soe grata pelo prazer. Coloco flores em sua cabeça-criança e, em pacto, dedico o restante de meus dias enquanto vivo. Jovem e eloquente na confiança noturna, olho para o Senhor com medo de tanta felicidade ser convertida em tragédia.

No eterno nascer do dia, no sorriso do inocente que virá ao mundo e herdará gamas de cores, sensações e melodias elegíacas intermináveis, conheceremos o mestre na inspiração; e de nossos perfis nascerá o retrato esquecido no porão de uma galeria para, anos depois, ser leiloado, completando o tédio de uma mansão burguesa.

No encarar do espelho, reflita e solucione o assassinato da saudade, da esperança. Volte ao ventre viscoso e quente, o doce sabor da infância, o primeiro dia escolar, o amor consumado; a verdadeira amizade nunca encontrada e o brinquedo estatelado na mão, o par de tênis abandonado – remotas memórias de um dia na praia.

Conectado a um fio condutor, o trecho final da fábula transforma ilusões em realidades. Compadeça-se e esqueça as dores, brindemos ao amor compartilhado e aos limites da curta trégua.

Sabedoria deriva da experiência, perde e renova-se a cada nascer do ventre ou do dia.

IMPEACHMENT

Atento como os apreciadores de monumentos e visitantes de shoppings à tarde, desocupado, sem as chaves do apartamento, de caneta e bloco na mão, procuro entender a extensão e o sentimento das esculturas, extasiado ao infinito com o ângulo visual da eternidade perene do concreto armado. Me sinto em casa.

Pela primeira vez em anos penso em minha família, na felicidade deles, e a fagulha do relembrar resgata a fala paterna: – "É tão somente culpa de Pat ser dependente, não sei como ele consegue subtrair alguma vantagem pessoal, alimentando-se de sonhos alheios".

Dependência. Por um momento a dor horrível: a fagulha queima a ferida não cicatrizada. Na construção das muradas para a segurança interior, costume abastecer-me e manter-me do sangue alheio, encarno "o papel de vampiro que desfruta das pessoas para os seus objetivos".

Excesso e falta de coragem oscilam, abatendo o sonhador. Talvez o Colt resolva colocar árvores abaixo.

Via catálogo telefônico, ninguém com o nome por fazer consegue acesso às editoras, livrarias, gravadoras ou redações, apenas recados na secretária eletrônica. Falar ao telefone sobre o ato de escrever constrange. Volto a Brasília no melhor dos dias, a única e magistral sexta-feira, e o telefone não pára de me procurar.

Se faz necessário uma verdadeira turnê para livrar-me da sensação de estranho e certificar-me de que tudo permanece na mesma, estava cansado de saber da cidade pela tevê, quero o contato imediato com suas curvas.

O carecer de ver, ouvir e falar, proporciona a programação. O balanço das horas começa no *Rock'n'Roll Bar*. Depois de uma batida, o giro noturno prossegue em meio à existência marginal dos corpos dançantes na pista do *Bizarre*.



Discretamente, na 109 Sul, ocupo uma mesa no fundo do *Bar do Luís*. Ao sentar, volta à mente a fixação por cadáveres jovens. A sensação continua em meio ao trânsito da "muvuca" – o termo

empregado para definir a vitrine exibicionista das tolices da cidade, a passarela dos indefesos, dos quebrados, e dos distantes que esperam pelo último ônibus de volta às suas satélites. Eles não hesitam em posar de estrelas, contemplar e procurar pessoas que se tivessem encontrado durante o dia, no centro, uma a uma, não saberiam onde encaixá-las.

Aquele círculo de pessoas é tão heterogêneo, cada uma delas possui suas particularidades, marcas, e adereços. Respiram aliviadas o clima, os vícios daquele lugar.

Segurando seus toca-fitas, boys com o olhar obstinado dos famosos, porém desconhecidos, desfilam em vestes arcaicas da onda grunge.

A "muvuca", uma tenda no planalto, e eles beduínos, motoqueiros sarracenos com capacetes debaixo das cadeiras, aguardando rumores, papos, aromas, bebidas e ansiedade.

Autores potenciais de autobiografias, escritores de calhamaços, no mínimo, com mil folhas de trivialidades. O preço da vida? Um exemplar.

Aguardo uma carona. Tomo um scotch e, ansioso, espero encontrar a garota misteriosa que não mais retornou à calçada. Sou informado a respeito de uma festa no "CASO" (Centro Acadêmico de Sociologia). Quem sabe ela aparece?

Qual transporte imaginário, azul e psicodélico nos levaria para o campus?

– Um ônibus.

Reler, contemplar, anotar e recostar a cabeça nas nuvens. Entre trinados, polindo o pensamento, datilografo frases de efeito na confecção da aventura envolta de emoções. Riscos, medo e vitórias ao largo das últimas semanas. Em minutos, relatos de vidas diferentes cruzam-se no roteiro.

Silenciosamente, o Colt 44 avança por entre os diversos folhetins das videntes distribuídos na plataforma de acesso.

Conservo o expediente de penetrar na intimidade. De acordo com situações, eu costumo usar pretextos e artifícios. Durante a passeata estudantil a favor do impeachment, reencontro aquele sorriso sem esperança, pertencente a Milla Stone, a bela e estranha garota introvertida. O suicídio, invocado em nosso destino, coloca-nos numa imediata identificação.

Nos fins-de-semana ela estuda, nas horas vagas viaja para estâncias, vales e ouve Cocteau Twins em ambientes energizados: câmaras, pirâmides ou templos.

Deitado na cama em desalinho, ouço Ten Years After, – por ironia sou uma década mais velho que ela. Discos fora do celofane, cinzeiros abarrotados, roupas espalhadas, meias trocadas, correspondência atrasada, móveis empoeirados, cartazes engordurados. Estou perdido em casa.

Deixei há muito de ser adolescente, mas o comportamento e o perfil do quarto continuam os mesmos da adolescência. Às vezes, canso da paisagem, então, após horas de intensa anotação, deixo climas impressos nas laudas ou passo hidratante nas mãos como proteção pelo tempo que passo segurando o pênis e o gostar distante da garota.

Na rua, o cruzar para o consumismo, o vento sopra a leste, da janela imagens transversais abraçam o tráfego em transe no raio de sol. Após a chuva o arco-íris risca o firmamento, nomes, sonhos e cores? – Verde para os sonhos, delírio para as cores, correntes de ar para os nomes.

As engrenagens dos relógios funcionam pelo término das horas e os momentos pertencem a um tempo numa dimensão afastada e ilusória. Nesse mundo imaturo e infeliz a fantasia perdurará?

A dor de cabeça incessante abafa as emanções. Abaixo o volume do som, mensageiros da ironia contida me aborrecem, rodeado por vítimas da esterilidade própria de sua época e da senilidade precoce da cidade, sobrevivo bebendo e procurando notícias. Meu curto existir impede o expressar dessa languidez existencial.

Duas décadas e meia separam-nos da primavera psicodélica. Milla Stone sorri e flore o jardim de violeta, vermelho e amarelo. Além da jardinagem, ela desconhece temores, um leve silêncio ruidoso é o suficiente para despertar e invocar o cantar.

Esotérica, inspirada de braços e pernas abertas, Milla realiza tantas coisas que pouco compreende o valor de suas ações. Ela cultiva ervas elétricas na estufa e no início de uma interrogação ela encontra o instante de sua criação. Transa mística indiana e comida macrobiótica, acredita em fábulas celtas, gnomos, e em porções e sonhos mágicos, livre para sair, presa ao irreal, legal!

Para conhecer a estufa de Milla, aguardei um longo tempo, agora passamos pares de horas juntos procurando perceber os menores movimentos do jardim.

Da janela do apartamento vislumbro o pôr-do-sol, a vista não está incluída no cardápio do bar predileto, linhas e curvas e prédios no sempre fatídico agosto. Serenamente formas espessas de carne humana invadem o elevador, olhos ao fundo da absurda paisagem perlustram: argamassa, vidro, concreto, betume e vias de retorno. Nas janelas semblantes estupefatos animam a vista em total dissonância com o urbano. Não há esconderijo na cidade, essa é a sensação dos cidadãos em pé na estação voltando para casa. O abrir das janelas exhibe a lacuna das almas.

Transas rápidas e inesperadas, fáceis e amargas, dolorosas e marcantes. Mais breve que o soluço de choro, tudo longamente rápido e eu: "não sei como vai ser". Ela não me consulta e conclui o ato, perde a criança e a alegria, agarra-se à erva venenosa e envelhece dez anos em poucos dias.

Preso na lacuna da alma dilacerada, inquestionavelmente as palavras me incomodam mantendo vivas as frases:

Eu posso escrever sobre o amor ou declamar poesia, posso falar do carinho que sinto pela sua pessoa, falar de nosso filho se você não tivesse negado o desejo de ser pai.

Posso falar de coisas boas, mas o meu coração está envolto em mágoa, dor e sentimento. Tudo acabou. Acabou de forma dolorosa. Nunca vivi uma noite tão triste, contorci de dor, quis gritar pedir socorro, mas contive o choro, chorei baixinho para ocultar a dor, meu desejo: correr até você, para que uníssemos as forças e lutássemos para que o bebê sobrevivesse.

Lutei sozinha, uma luta pela fé, mas isto não bastou, não tinha dinheiro, condução para recorrer a um médico devido à hora tardia.

Sinto necessidade de um ombro para me apoiar, só o seu ombro me serve. Imagine que te cerquei de amor até no momento da dor. E quando lembro que 'você não quis', vem o ódio. Ódio por você afagar a cabeça de tanta criança e ter negado afago para seu próprio filho. São tantas coisas que quero apagar da minha mente! As suas palavras mesquinhas, que você falou ao telefone para mim, muito embora você negue. Compreendo, sei que você também entrou em pânico; e na hora do desespero nos vêm palavras indecorosas, brutas. Imagino que você também sofre. Mas ambos erramos. Faltou maturidade, amizade e compreensão. Não faço julgamento e nem te acusando de nada. Mas eu preciso falar isto. Quero pessoalmente conversar com você. Botar tudo para fora e depois perdoar a você e a mim.

E percebo que você evita. Por quê? Não deveria ser assim. Agora mais do que nunca poderíamos ficar juntos. Isto vale como uma lição de vida?

Quando quiser falar comigo estarei de braços abertos para te receber, isto tudo que falo vai acabar, se você quiser me conquistar novamente.

Apesar de tudo. Eu te amo muito.

PS: Não quero um marido, um homem. Mas quero sim, um pai, um amigo para meu filho. Segue os exames feitos. Embora tudo não passe de uma simples fantasia para você, para mim é real.

Eu, Ludmilla Stone.

CRÔNICA BEM CONHECIDA

Manhã fria de sábado, imprimo um novo pique à rotina desgastada, levanto cedo, fora da cama o dia nublado permanece envolto em pesares, finalmente abandono a imobilidade, resolvo mudar os móveis de lugar. Apaticamente diante do espelho me acidento; pedaços pontiagudos profundamente encerrados no peito do pé, o sangue desliza para o carpete. Antes de iniciar a mudança, os planos de fim-de-semana findam.

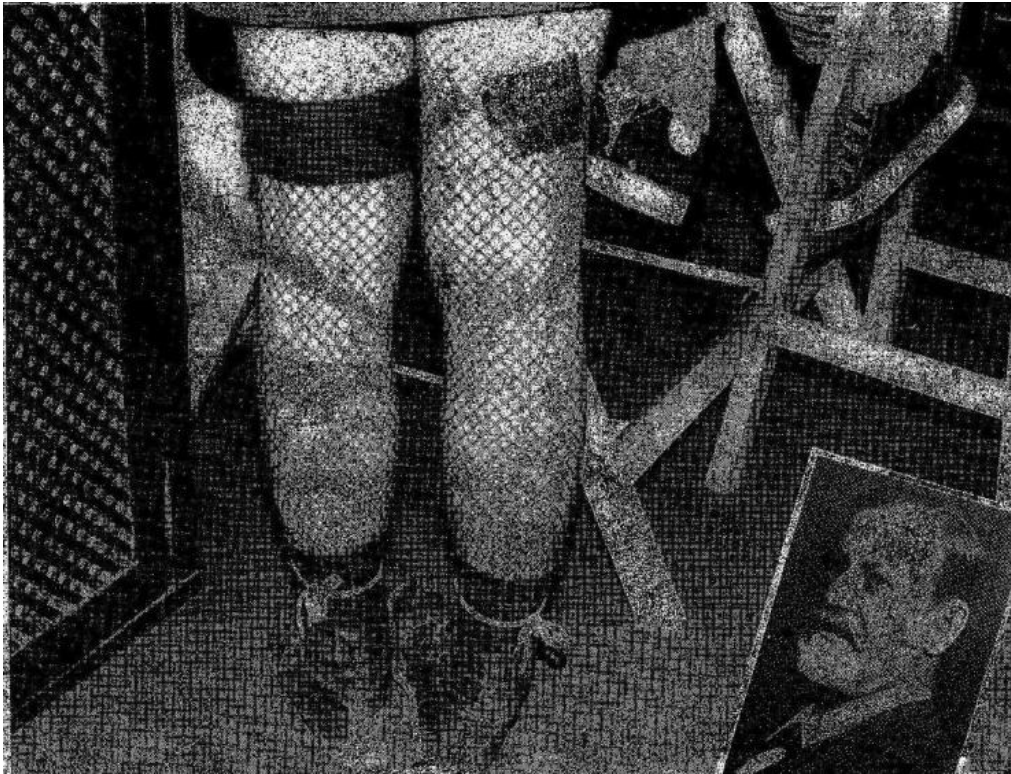
A exuberante Sally liga, sua voz me deixa excitado: – perdi o número e só agora voltei a encontrá-lo. Claro que acredito não posso perder nada, sequer sonhei ouvir a inconfundível voz quente carregada de sotaque, de maneiras extravagantes e observações no mínimo radicais, porém sinceras.

Dois meses atrás nossos corpos e corações abandonados movidos a álcool colidiram, diálogos e números trocados em memorável festa retrô, Sally em minissaia de couro negro sem calcinha, embalada em jaqueta de tecido escocês, óculos de gatinha, corte de franjas, visual anos 60, eu contava a história de um cara que jurava ser Billy Shears, ela pergunta:

– Qual o seu nome?

– Billy Shears.

Eu emendo: – vamos brincar de Guilherme Tell?



– Só se a besta estiver em minhas mãos, ela devolve...

Além de Velvet Underground, Sally gosta de David Bowie e T. Rex e conserva pontos de vista constantes: – Homens são homens, pó, são o que são e não somam mais que isso.

– Os costumes masculinos não evoluíram com o passar dos séculos e o dinheiro deles não me agrada e nem me compra a amizade e a invenção de mentiras momentâneas dão poder para depois roubá-los junto com a sua credibilidade. Animais!

Decididamente estou interessado na independência daquela mulher orgulhosa que não esconde ou se disfarça, ela faz o que quer e só precisa dos momentos não importa a ela que o hoje seja o amanhã.

Seu interesse está voltado para a discussão de qualquer coisa, ela ouve o que você tem a dizer apesar de que não acrescentará nada à forma como ela pensa; sempre discordando, me conquistou, um bom começo para uma encrenca, ela ficara de ligar...

Dois meses depois, noite de sábado, Marciano Sodomita e Akneton, no show *Deus e o Diabo na Terra do Rock*. Resenho o evento para o jornal e não compareço tudo desarmado, nada de sodomismo, drogas ou rock'n'roll:

*Você é minha paranoia
Eu vou acabar de bruços em cima de você
Eu sei é pecado trabalhar nestes dias de sol
Não quero um só feriado na semana
Tudo vai ter que ser fácil
Tudo vai ter que ser fácil
Eu quero é cagar em cima de você*

Sufocado e frustrado sem espaço tento descansar, a louca vontade de pisar o chão, de descer degrau por degrau, sentir o frio da cerâmica e sair fora, me oprime, o pé direito gessado impede de botar o pé no asfalto.

Novamente o telefone, querem saber: – o testamento está pronto? – Tenho de me manter em repouso, clique!

De volta ao diário, cansado da tevê e de ser mortal elaboro:

Não encontro diferenças entre os peixes mergulhados no aquário e o condomínio: assinaturas de jornais e revistas surdamente batalham para impor o ponto de vista dos editoriais e alcançar recordes de tiragens. Os bons títulos foram impressos, as obras-primas expostas, os clássicos gravados em número suficiente e as pessoas importantes prestaram depoimentos à posteridade, então por que continuávamos a ver, ler e ouvir se tudo é repetição?

– Don, você não vai pintar obras de arte.

Dez anos preso ao mesmo local de trabalho e à mesma linha de ônibus, isso assassina inocentes; os mesmos filmes alugados de sexo, a velha perspectiva, o cabelo raleando, a saliência incômoda na barriga, metendo-se nas ínfimas discussões de amigos de anos de fadiga e de embriaguez, tornando-se alcoólatra, perseguindo a mulher ideal, apaixonando-se pela disponível. Criando animaizinhos marinhos, vendo os peixes nadarem, levando o cão pela coleira, comparecendo ao casamento do amigo, atendendo ao telefone pensando ouvir a voz certa, tramas desenvolvendo-se da janela do apartamento.

O condomínio conhece as roupas que uso, sabe o dia do pagamento.

Dormi com vizinhas; elas tornaram-se confidentes, sabem quanto devo nos bares. Quando o humor melhora, logo perguntam: – Reconciliaram-se?

O dia do aluguel chegando, as férias distantes, guardando trocados para comprar um carro, emprestando dinheiro a juros, jogando na loteria, os fins-de-semana vendo tevê para economizar.

Não há como escapar, entulhos espalhados na pista, terreno disforme, e dias pervertidos pela falta de criatividade.

O verde do parque enxuga as horas vagas e cores neutras passam velozmente por você que pensando em tanto verde foge para o azul empinando papagaio, antes de voltar para casa.

Já tentou pegar o sol de manhã depois de ouvir Ten Years After? Dez anos depois de tentar pegar o sol com as mãos, debruçado sobre a velha Olivetti, fiel confidente e presente de meus pais. Conscientemente eles desconfiavam da utilidade das teclas incentivando-me a arrumar emprego. Engraçado: tornei-me funcionário público.

Nos últimos seis meses continuei debruçado nela dia e noite, adormeci, acordei, vomitei e ela silenciosa com as teclas tocando em lugares por onde dedos ágeis escorriam registrando ansiedades em esboços, a chave de algum mistério. Com o passar dos anos, a técnica de usar dois dedos desenvolveu-se, eu chegava às frases mais rápido do que usando os dez dedos simultaneamente.

Nesse momento de infinita angústia, sentado à máquina de escrever no quarto escuro, reencontro Jack Kerouac, faço nobres esforços para captar o sentimento abortado. Dedico o cativo valor das teclas ao fantasma da realidade trágica. O rosto crispado e o método da composição espontânea, ele trabalha em papel de teletipo.

Secamente atingido pelo tratamento inadequado e pouco lisonjeiro, o escritor não pode aguardar... 'Ligado' de benzedrina ele mergulha no surto criativo procurando o remédio, o antídoto da angústia. Na arte de confeccionar a épica prosa ele a batiza de On the Road. Mil e quinhentas palavras por noite, Jack Kerouac não quer deixar de fazer. Afáveis conversas diurnas na cozinha com a mãe, jazz, cigarros, vinho, e ele não pode ser interrompido pois trabalha em outro original de 50.000 palavras e espera vender cada uma por um centavo.

Horas mergulhado em diversos sebos de livros empenhando-me em conseguir as obras de meu escritor espiritual. A prosa de Charles Bukowski estava além da poética Beat, e com um grau maior de sinceridade. Quantas horas Bukowski passou em mesas de bar ou acordou de ressaca? Desconhecia como ele conseguia resistência e tempo para esfregar letras embriagadas em laudas picantes.

Mantínhamos em comum os anos públicos de guichê preenchendo formulários, dados loucos, pessoais e intransferíveis, funcionários governamentais, fiéis leitores dos matutinos, amigos de bebida e jogo, o álcool e o passar do tempo nos deixavam românticos, porém inconscientemente solitários, sabíamos que precisávamos uns dos outros por isso aguentávamos, alguma forma de protestar contra as instituições, os superiores, inimigos de batina e cafetinas uniformizadas em cargos de chefia.

Apesar dos olhos presos nas laudas, eu não deixo de pensar na figura dos chefes com a grandeza amarrada e presa ao tamanho dos próprios traseiros assinando acima dos carimbos.

A repressão dos memorandos, das portarias dos artigos e das letras, dos dispositivos legais que ele tanto se esforça para compreender, das ameaças de advertências, das demissões, das transferências, da queima de arquivo, do corte de ponto durante as greves, das negociações, das bajulações, das suspensões, das mensagens de fim-de-ano, dos cartões de aniversário, das citações bíblicas nos contracheques, instintos institucionalizados, nunca a anarquia, apenas mixaria.

Infelizmente não nos encontramos, mas Zimmerman e Henry Chinaski, o alterego de Bukowski, decidiram e tomaram as melhores e mais sofridas decisões de suas vidas debruçados nas mesas diante de garrafas ou à máquina de escrever depois de um jogo de sedução empatado.

Falta dinheiro para as roupas e o rango frio, as pensões atrasadas, calçados furados, mas nunca para um trago, a vida é trilhar e procurar o lugar ideal da inspiração picante. Corpos de Eva, garrafas escuras, líquidos claros, odor molhado, a vida levada de acordo como Tio Sam quer, envelheço no emprego seguro do Governo, vivo sem correr risco, Brasília DF/Washington DC.

Bukowski, escritor homossexual obcecado em concluir o maior número possível de romances, pois há editoras gananciosas, interesseiras e um público ávido. Henry Chinaski, o alterego do velho devasso, mama cerveja recostado num saliente travesseiro. Ele nunca veio para o carnaval. Enquanto vivo o escritor descia ladeiras no velho carro, transportava originais ou alugava casas em lugares desolados, porém baratos, ganhava em dólar, usava a cabeça nas apostas de cavalo, passava as tardes no hipódromo, enquanto não aparecia uma mulher para descortinar ou fazer companhia. Bukowski/Chinaski consagraram seu estilo étlico, mas quem sou eu para escrever sobre eles?

Fim, Pat Zimmerman

LITERATURA

Sai nos EUA livro póstumo de Bukowski

FERNANDO CANZIAN

De Nova York

Saiu esta semana nos EUA o último livro escrito por Charles Bukowski pouco antes de sua morte, aos 73 anos, em março passado.

O livro se chama "Pulp". A palavra tem vários significados. Quer dizer polpa, pode se usada para quando uma coisa dura é amassada até ficar mole e é empregada, no jargão literário, para descrever livros de baixa qualidade.

"Pulp" (Black Sparrow Press, 202 págs., US\$ 13) é uma história de detetive. Não poderia deixar de ser etílica, como outras dezenas de histórias do escritor.

Desta vez, Bukowski entra na pele de um detetive durão, Nick Belane, que bebe saquê de uma garrafa escondida e que caça moscas no escritório quando os negócios vão mal.

Quando as coisas esquentam, parte para o uísque ou vodka com várias latas de cerveja.

Belane tem um quadro falso do pintor surrealista Salvador Dalí, aquele do relógio derretendo, na parede do escritório.

Também mantém, como prova de sua profissão, uma arma em uma das gavetas. O calibre do revólver nunca é o mesmo —muda conforme seu estado. Belane cobra de seus clientes US\$ 6 (CR\$ 11 mil) pela hora de trabalho.

Os casos de detetive começam a aparecer e os clientes são estranhos. Um deles, John Barton, contrata Belane para encontrar Red Sparrow —um trocadilho entre o nome de seu editor na vida real, John Martin, e a editora Black Sparrow Press. "Você tem talento", diz Barton para o detetive.

Outros dos clientes são escritores mortos, maridos traídos e alguns invasores de corpos do planeta Zoros interessados na conquista



O escritor Charles Bukowski

da Terra.

A fórmula usada em "Pulp" é a de sempre. O livro tem o mesmo senso de humor e a transparência da filosofia de vida do escritor usada em dezenas de outras histórias.

Mas, no final, o humor se esvaía e há uma atmosfera de decepção e envenenamento.

Charles Bukowski, que morreu de leucemia, escreveu mais de 40 volumes durante sua vida, entre romances, contos e poemas.

Entre seus trabalhos mais conhecidos constam "Cartas na Rua", "Mulheres" e "Crônica do Amor Louco", que acabou virando filme.

O escritor também escreveu colunas para jornais e foi transformado, há alguns anos, em personagem de histórias em quadrinhos.

O filme "Barfly" (traduzido no Brasil como "Condenados pelo Vício") foi inspirado na vida de Bukowski.

O escritor, identificado com a cultura beatnik, admitia somente ter sido inspirado por um outro autor da Califórnia, John Fante ("Pergunte ao Pó", entre outros), que Bukowski descobriu nas suas leituras em bibliotecas públicas quando jovem.

Preservo o interesse em resolver meus próprios problemas: amadurecer e experimentar um crescimento interior, adquirir o conhecimento que permita descobrir o valor real dos sentimentos para com as garotas.

Às vezes crescemos e somos rígidos tanto quanto um espigão e a queda é enorme, e o problema continua insolúvel. Sentidos e impulsos me levam a sair e procurar pela pessoa.

No final da ronda alguém transforma-se na pessoa certa, ninguém me preenche, a garota de salto e saia curta sentada ao lado, a amiga casada, a ex-namorada, em julgamento particular sentencio que me conhecem por dentro e por fora, mesmo assim ninguém se importa em deixar-me sozinho, quem irá passar o resto da noite ou da vida comigo?

Preciso de motivos que me forcem a viver, quero deixar de rastejar e cair fora da espelunca, criar motivos suficientes para uma reviravolta; isso requer uma capacidade maior de reorganização. Como encontrar estímulos?

– Nos desafios.

Expectativas e ansiedades frustradas, não forçar a barra. Trágicas linhas cruzadas, minha emancipação quase sem destino.

Quantas vezes ouvirei a frase: – Você se preocupa muito e eles nem estão aí pra você?

Encontro consolo na cerveja aguada e no jogo de cartas, o tempo vago que resta procuro desesperadamente um amor recíproco sem contudo encontrá-lo. No último dia da semana, em um momento de paz, novamente sento e redijo palavras: sinto seu perfume, sei que de imediato não posso confiar e levá-la a sério. Por enquanto somos um par perdido libertando-se de momentos difíceis que custaram parcelas de sanidade. Sinais profundos de marcas invisíveis maltrataram o corpo, somente o coração sentia e enxergava. A bela Sally saudável, com a vida doravante marcada, jogada e abusada sem encontrar amparo, tudo acontecera ou ela sonhara?

O garoto que nunca quer voltar para casa, o último a abandonar o derradeiro boteco aberto, o gosto pela noite da desilusão, da dor, da podridão e do desespero compartilhados com solidão.

Cheques devolvidos, dinheiro perdido, dívidas vencidas, títulos protestados, vida amarga, o rock'n'roll único amor presente. O significado de existir desvaloriza-se, nenhum dinheiro, preguiça mental, esgotamento nervoso, tensão, falsidade, na fibra dos nervos a dor do mundo de quem perde a única coisa que possui. Tudo compensado pelo embalo de sábado à noite, quando dois violões choram pela ausência da felicidade.

Pat Zimmerman, por ele mesmo, submerso em álcool numa minúscula mesa de algum pub informal, diante da devassidão cósmica que assola os heróis intergalácticos, próximo ao perigo flerta, sorve a dose colorida de coquetel, as gentis senhoras comprometidas conservam o incômodo sabor púmbleo no oscular.

Se me mandarem calar, grito; contestação desvairada. Pertenço à cidade, o dublê passa os dias de uma promissora carreira tentando fazer entender-se no seio da família "hollywoodiana".

Sally admira os compositores românticos, gosta da sensação de ouvir e reproduzir as passagens melancólicas de Chopin.

Sua mãe elegantemente decadente, a filha, uma pianista que despreza o atonalismo, aprimora o idioma na *Aliança Francesa*, pratica natação na *Associação Cristã de Mulheres* e acredita em reencarnação.

Esqueci a música há muito, não possuo títulos, perdi a esperança de ganhar a medalha do Buriti, não arranho inglês e nos últimos dez anos li e bebi; li rótulos, receitas, obras de Bukowski e Henry Miller.

Sempre batalho grana para as contas. Portanto julgo-me mais esperto que Sally. Concluí a biografia do louco mais digno do rock brasileiro e escrevo argumentos de histórias em quadrinhos e críticas para

discos. Minto para mim mesmo, sou perigoso e sem caráter. Não sei por que não gosto desse pensamento...

No ninho em frenesi, asas à imaginação debatem-se, Sally me faz rir, a língua dolente mergulha na sedutora saliva, docemente desliza, unta suores, esculpe, descobre, expediciona regiões estaciona suavemente na pele maternal do seio em forma de pera.

Pela claridade da fresta, luz brilhante, o olhar cintila, o braço estranho invade-me os ombros. Próximo à cabeça, a mão acaricia. Impossível ater-se ao incansável debater, fugir e evitar o resgate, de volta ao céu da cor do lenço, reato da culpa.

Viver e transgredir, sentir a necessidade taciturna de esconder da mulher a aurora e o vício hermético de transmutar.

– Eu, um dublê de sorte, para ver o sol nascer o mais cedo possível escapo e escalo a montanha. A vista rútila incansavelmente observa, de tão longe quanto se pode ter ido, volto. Fuga momentânea, a espera do pôr-do-sol me reconforta e revigora.

A semana tem sido desinteressante, a prosaica opinião estende-se ao correr do mês, estou deprimido na inconstante e paciente operação de não perceber os dias?

O medo esboça-se no repetir do cotidiano – dia após dia a mesma paisagem, tanta paz me deixa em guerra. O mesmo capítulo, isso mina um pouco do investir alimentando um renitente ceticismo.

NOTÍCIAS TRISTES TE ESPERAM NO NATAL

No Conic, a qualquer hora da noite, você encontra tolices românticas, o típico lugar para garotos nas noites de sábado. Os aluguéis baratos desse condomínio preservam a sucessão de sebos, escritórios, restaurantes, estúdios, e bares.

Hoje o número de salas de cinema diminuiu, mas há a boa *Livraria Presença*, o charmoso *Café Belas-Artes*, o eloquente *Teatro Dulcina*, sindicatos, e o posto policial.

Diurnamente a vida monótona e a sucessão repetitiva de quem é empregado ou funcionário público contrasta com o público cativo da noite, na hora do almoço as mesas fervilham de belas garotas entediadas do dia-a-dia, elas procuram o quilo de comida mais barato e manuseiam sem etiqueta os talheres.

Constantemente soldados calhordas torturam bêbados, líderes sindicais discutem a direção do movimento enquanto menores carentes pedem para escovar seus sapatos, qual é a peça em cartaz?

– *The Girlie Show!*

O Conic, mantém a vocação democrática de Brasília, afinal o óleo santo de Israel não é distribuído ali? Nosso conhecimento começa na roleta do cinema, ela pisca e eu passo. Apesar de nome de travesti – Lawrence, vende bombons. Secretamente ela sonha em aprender francês e seguir para a Europa.

Dois anos de fornicação inconsequente e a gestação de nove meses, 24 meses de paixão e mais um garoto e nova separação.

Imensos olhos azuis solitários e tristes, dois holofotes iluminam a névoa do condomínio, o nariz comprido de três dobras, a ossatura delicada e desigual da face. Lawrence, um fóssil fantasmagórico apesar dos 30 e poucos anos, espera o próximo cara que não tardará.

Má donas oxigenadas, putas alegóricas de fim-de-ano, a fim da passagem no bolso para Paris, leopardos de bumbuns depilados, panteras em pele de gatinhas, oncinhas pintadas, drag queens – a fauna absurda – ávida por carne sem rugas. Livremente adapta os detalhes da dublagem e dos empenhos na montagem da réplica do *The Girlie Show*, da Madonna.

A clientela: punheteiros da fila-do-gargarejo, velhos viados, carecas de camisas de viscose, estudantes de artes, diretores de cinema, dramaturgos, advogados ladinos, funcionários públicos em dia de pagamento, cambistas de vales-transportes, donas de casa em trânsito "comprando", micro-empresários musicais "snifados".

Ausentei-me alguns meses do recinto e da fila, no corredor, ao cruzar com Lawrence eu digo: – Oi!

– É a vida. Sarcasticamente ela recita. A frase aparentemente soa fora do contexto.

Na versão do *The Girlie Show*, Lawrence entra em cena com um rasgo estratégico entre as pernas, ostenta esdrúxulas e mínimas tiras de couro, de chicote e arrebites de metal na cintura, carrega na bandeja um imenso órgão sexual, ela desempenha o interessante papel da camareira escalada para satisfazer os hóspedes, não importa o sexo: o desejo impera.

Naquele instante, no meio da plateia, minha face iluminada e lívida compreende: – É a vida, e ela a máquina dançante da fornicção que procura e enterra aquele vibrador no canal aveludado da Madonna.

O ranger das madeiras da armação e do friso dos saltos dos sapatos, a lente da plateia voltada para o palco, ondas de luz e projeção cinematográfica dirigidas pela visão; abaixo do cenário, o precipício interminavelmente abissal.

Na ribalta, em frente aos murmúrios, coreografias hipnóticas e ritmos sibilantes deixam a massa ondulante em polvorosa, carregam o ar com o odor líquido do sexo e dos hálitos quentes, o processar

da saliva pela garganta ávida, bonecas raras regurgitam prazer, prolongam o clímax, quando todos explodiriam. O odor azedo do teatro e da cerveja de promoção beira o insuportável.

No espetáculo da preocupação instintiva, na leve indisposição de escalar a torre dos sonhos, a balsa desliza deixa a correnteza rumar para dentro do estreito canal, o desesperar pingar do líquido seminal, o relógio cardíaco assestado à frequência modulada, o corpo dançante envolvido pelas imagens que não se prendem à moldura, sem retorno, a mensagem pulsante ausenta-se, o argumento idílico da aventura, o prazer subterrâneo da sedução das sereias, o naufragar nos rochedos, a hemorragia das águas turvas e a eminente tempestade estampada no globo ocular.

O flamejar distante do lábio envolvido pelo olho que vê. Não há toque ou contato, a imagem não pertence à realidade – não há retorno para o conserto do argumento.

Depois da dose ardente de paixão pelo corpo de Lawrence, o prazer da sedução correspondida. Abandonamos o bar, o casal encostado amassa um sarro intenso, línguas de fogo roçam no fremente vibrar da sucção enorme noite de ânsia envoltos em lençóis baratos e vagabundos de motel e o continuar do espetáculo na cadeira ao lado direito do carro estacionado abaixo do toldo do apartamento, escondido do céu. Interrompidos, o corte, a hemorragia, a ação, negativos vencidos...

No limitar dos anseios e das energias, a exuberância carnal traz o desespero acompanhado do orgasmo liricamente selvagem, o crepitar da pele castigada pelo vento noturno e frio da terra plana, um inverno primitivo na alma primata.

Eu e Lawrence, assanhados, tecemos o fio condutor da trama narrada por entre bancos de praça e becos escuros em capítulos autobiográficos do original perdido no interior do táxi na estação rodoviária.

Dia seguinte, véspera de *Natal*. Local: loja de departamentos do *Setor Comercial Sul*, caixas reluzem ao som do álbum: *As Canções Que Você Fez Pra Mim*, com os covers de Maria Bethânia para os originais de Roberto e Erasmo; uma jovem é flagrada ao tentar roubar preservativos para os clientes. Delito menor.

Um estampido cruel, a multidão entrincheira-se, o corpo gentilmente colado à escada mergulha compactamente desmembrado, curiosos cercam, o sex-appeal dos olhos azuis dominadores de Lawrence não brilham mais; a mais recente história de assassinatos em supermercados. Sedução literária interrompida no centésimo aniversário do nascimento do escritor Henry Miller.

– Ela me traía. A justificativa.

Provas? – A carta ainda está dentro da bolsa, ela não teve tempo de remeter ao amante...

Cândida chuva, gotículas pregadas na vidraça, parque próximo apenas do olhar, distante do palmilhar, ecos, cruelmente a solidão percebe a situação e em nada ajuda a confortar a paixão, a dor absolve, desprezo o diagnóstico, a dieta, a receita, o medicamento, a medicina, as ervas, os vidros no armário, a orientação pelo pôr-do-sol.

O caminho de encontro ao bloco de nuvens, o despedir da lâmpada acesa coordena dissabores, esmiúça o vocabulário.

Unido ao desejo no bojo das asas, na cornucópia, desmancha suprimentos de abstração paralela à leitura predileta acima e além, próximo ao lustre. No valsar das páginas, cenas de infinita presença alegre, corrida, leve desesperar de sentir que as forças se esvaem para então voltar ao corpo. Espasmódica contração dos músculos. Malhar, preparar, verificar se as amabilidades preenchem os batimentos cardíacos, verificação de tumores urdidos, semelhantes mentiras ditas em tons atonais de forma esparsa, a natureza morta, o campo quadrado da vida do artista quando feliz.

– A Terra é azul. Convivo em brumas, rodeado por copos e garrafas, adormeço sonho escrever maravilhosas frases.

Estive matutando, vibrante imaginação, saio, desço, respiro, agira sem o coração, permitira? Ninguém cede tanto. O orçamento desenvolve-se a longos períodos, o empréstimo da comiseração rói unhas e entranhas, abastece o infinito, "de que vale o drama, se não desempenhamos o papel principal?". Dilema dogmático, altivo cerne desprezivo e, para o limbo, na velocidade de um círculo.

Final insensato, e pensar na condição, na posição, entre o espaço pautado, eu não me esforço por compreender os segredos do universo – o jardim, a casa, o carro-do-ano a falsa vida de rei – flores exalam, atraem insetos. Armadilhas preservam a inocência, longe da maledicência.

Em par seguimos a direção do brilho inerte. No limiar vaga a borboleta cega, sobrevoa a terra, cultiva o solo, cabelos esvoaçados na tempestade, a terceira criança cresce no ventre de Lawrence, sonhos realizados, enquanto os pesadelos permitem.

Na estrada de algodão, fito o cruzeiro do sul, ouço a grama crescer, sinto o odor do tabaco barato mascado, goles de vinho afogam imagens do tempo rodado.

Decentemente reservo espaço no caderno para anotações, escrevo o que não será editado, entro pelas portas das editoras abro o verbo torturado de camundongo na "Caixa de Skinner" e entre a névoa o indicador monótono da luz do cigarro, ao invés do azul celestial dos inocentes olhos de Lawrence, o vermelho dos sinais contrasta com a alma dilacerada e a pele marcada, frisos e linhas, perdemos.

O leme da vida herda a dúvida.

Sem tolerância, refugiado com pavor de abandonar a sala de projeção do "Ritz", próximo um anjo desleixado e ambíguo senta, de cu pra' lua arrasta a asa, saudoso do passado terrestre, conversa, sinto a fala não pela audição, um tormento de sincera apatia.

O anjo não trata os cabelos, na borda da tela indiferente a atração da corista, observa o rebolar de vedete com cara horrível. Despertar do pesadelo, em sincronia partilhada com o anjo, a vedete e o rebolado.

"Tal fantasiar em sequência de imagens liberta-me do sentimento de culpa?". Lawrence espera de mim a redenção...

A suavidade de uma pincelada esborra tinta em imagens tridimensionais, leio a longa correspondência póstuma:

Sábado, 15:00 horas -23-12-91

Na insistência de ser e saber ser responsável e doadora com as pessoas sempre me convenço do óbvio em que persisto no tempo no aqui e agora.

As conveniências e os interesses pesam mais nestes seres do meu relacionamento. Insisto, em momentos, contar com alguém. Este alguém a quem acolho para me suportar e na hora agá falha. Sempre falhou.

Conto comigo e mais ninguém. Hoje é um dia tão cruel, desses que a vida presenteia. Ao estabelecer esperanças na minha santa ingenuidade, penso, reflito, o dia torna-se terrível e é nebuloso levar avante o ser e pensamentos de minha maneira. A inteligência – a coisa suprema do ser humano perde-se com a esperteza, o prazer de sacanear. E ficam nebulosas a sinceridade e autenticidade, depois de terem se entregado na cama e no corpo e se entrelaçarem.

No dia em que fizer um falso sexo posso morrer, nada me resta. Sei que no homem as coisas manifestam-se de formas diferentes e repetem-se, nada de novo. A minha busca pelo novo, pelo autêntico fica no meu mundo, passo a vivê-la sozinha.

Devo me referir a você, que me encantou, mas não irei entrar nas suas pornografias e degeneração. E se tiver espaço, eu o arrastarei para a minha realidade, pois ela é menos sórdida que a sua.

A sua ambivalência encontra até você mesmo, mas você não percebe isso e age como mendigo e, pior, sem consciência. Mas a máscara que o desmascara perante a mim você não consegue escondê-la. Sinto que gosto muito de você. No papo e na cama e do seu corpo que irradia o perfume do fel. Do qual terei de desvencilhar.

Eu ofereço carinho, amizade e cumplicidade. Na cumplicidade, te conheci sem conhecer-te.

Você me fala com voz macia: deixa de ser menina!

Pois lhe digo é esta menina que me mantém viva. E que é forte e você não a entende. Na verdade a mulher que apresento para você não é aquela do seu querer. Eis a questão. Até onde você me quer não caracterizei. Mas lhe digo com coragem. Você tem que aprender a começar a voltar para o tombo ser leve; desejo-lhe isso de cadeira.

Posso lhe mostrar e lhe dar dicas para o caminho, mas a decisão é sua.

Neste instante, me lembro e sinto sua presença dentro de mim. As recordações me derrubam em choro infinito, tiram de mim a alegria de tê-lo te encontrado na minha estrada.

Misturo a alegria com a tristeza que sufoca o peito e arrasa o coração. Pois o belo de ser você quer destruir. A mão que afaga e acalenta o meu corpo, ora desaparece e dá lugar a decepções que irei enfrentar.

Sua versatilidade chegou a tanto que não resiste ao orgasmo total.

Isso me prende a você, meu gatinho faminto de desejos e fantasias. E por isso você me corta e me agride.

‘Mas não tem nada não, tá tudo azul na América do Sul’. Dei um palpite infeliz e perdi o sábado. Pois nos meus pensamentos me perdi, fiquei infeliz. De preferência, ficar aqui é o melhor. Eis a grande verdade desta tarde.

Depois de livrar-me de um relacionamento amoroso insatisfeito, insatisfatório, encontro outro parceiro exatamente igual ao anterior.

Mas isso não é tudo, atingir o objetivo sublime associa-se a um perigo especial que é denominador comum das citações de um início de relação, ou seja: o desencadeamento de uma chegada bem-sucedida.

O especialista em desgraça tem a ciência desse perigo, consciente ou inconscientemente. Mas o objetivo não alcançado parece ser mais desejável, romântico e sublime do que aquele objetivo atingido jamais poderá ser. Não nos enganemos.

Agora meu bem descubra o meu objetivo, o seu, e o nosso. São duas tragédias: não realizar um desejo íntimo e realizá-lo.

Você infinito do que me faz bem / Do bem que lhe quero

Disponível sou / Da troca alegre e bem feita

Olho dentro dos teus olhos negros / e lhe chamo

Fica mais um pouquinho...

Sem querer deu poesia. De repente surge uma pessoa com boas intenções, diferentes do seu cos-tume, e bondosa sem maldade e lhe oferece amizade. E você tão com vontade de ficar, mas o medo, a insegurança, o seu ambiente a entorpece e simplesmente você a descarta no primeiro convite. Não quero você. Pra mim existem barreiras, mas eu lhe mostro minha autenticidade e isso você não conhece, minha preocupação é a de vê-lo jovem, cheio de ideias e potencial desperdiçados pelos bolsos descosturados.

Minha consciência moral e responsável não me deixa ficar sem lhe dizer isso e muito mais. Sou do tipo que se preocupa com as pessoas e uma vez entrelaçados os corpos isso me faz mais responsável. Não sei bem se me enganei mas o que sinto por você é sincero desde o olhar até o fazer sexo.

Se estou enganada, peço explicações, pois não estabelecemos nada em nossa relação, é o único pedido que faço a você. Você não pode negar que nos demos bem no sexo. Mas você insiste em negar o que há de bom em você. E não percebe o que está a sua volta, fica parasita de você mesmo. Escravo do sexo. E nesta convivência negativa planta sua vida.

Para quê? Isso complica a existência do ser, do saber, e degenera.

É por isso que decido hoje: não terei mais sexo com você.

Não quero perdê-lo de vista, podemos ser amigos, e isso só vai depender de você.

Pois hoje você acaba de me fazer duvidar da confiança que depusitei.

Quem me garante que neste momento não tagarela pelos bares sobre a minha pessoa e conta vanta-gens sobre a sua?

É preciso ter juízo e encontrar a felicidade...



Lawrence

***O Conic é o fio condutor de várias sagas além da imaginação e manancial de várias crônicas diuturnas. Na maioria das vezes e quando o tema é o baixo meretrício e condução/ebulição cultural emanada daquele centro irradiador. Me recinto da extrema falta de habilidade e intimidade num grau míope seja na hora da transcrição no papel ou no celulóide, quando o tema despertado é o baixo meretrício coniquiano. Não que o meu conto consiga burlar essa lei dos mais fracos. Registro este apêndice para que as próximas visões sejam menos enquadradas.**

TARDES MANCHADAS DE SANGUE

No ar viciado da tarde uma interferência infinitesimal emerge em ânsia, "a tarde se prolonga como a alcançar em dor o infinito", escreveu Maura Lopes Cançado. O ruído da máquina elétrica não permite a concentração, inunda a sala nubla qualquer esboço literário, sentado ponho no papel a sessão de filmes da semana:

– O cinema, virtualmente é um espaço acessível e seguro para roteiristas, cineastas e telespectadores, Meu Primeiro Amor desenvolve-se durante os alardeados anos 60, com a cultuada trilha sonora desse período, a película emociona, derrama lágrimas dos defensores do triunfo do sonho azul, vermelho e branco, abusa do saudosismo musical.

Porém a película naufraga devido à incapacidade da encenação da trama e da paixão infantil num território vietnamita.

A personagem central desde a infância manifesta interesse pela literatura, essa vocação precoce a leva a frequentar as salas dos cursos de verão, esse é o "primeiro amor" invocado pelo título do filme.

A narrativa em flash-back deixa a entender que a personagem é a autora do roteiro adaptado e filmado, o título nacional é dubio, segue o itinerário da pieguice, poucas vezes a literatura adaptada para o cinema soou tão inócua, oportunista e hipócrita.

A sensibilidade complexa e pessoal interage. Transitoriamente o astral pessoal compromete a felicidade e o final do filme. Desencantado abandono a sala de projeção antes do final.

Permaneço mudo e inquieto atento às cores, canções do rei em acorde maior modulam o fim-da-tarde. É difícil opor-me ao pensamento distante, a sala mantém o ar tímido, e por hora medroso, a solitária aconchegante que mascara a crise de identidade dos inúmeros frequentadores, disfarçadas as pessoas perfeitamente arrumam-se, escondem os momentos críticos e mostram organização. O clima melancólico pode ser culpa do futebol, o tricolor paulista fora desclassificado depois de levar um passeio em São Januário.

O rádio não se faz ouvir, detesto o botão de volume, meio pelo qual nunca se atingi o paroxismo, apenas os consumidos no topo da parada de sucessos.

Eu bolo outro início de conto complicado e incompleto:

– Apresento a minha mãe sua primeira neta, uma menininha linda, saudável, de pele clarinha e sensível, com os cabelos escuros, de mim ela herdou as feições: sobrancelhas e olhos incrivelmente expressivos e inquisidores sem perder a inocência, aos poucos o conto dissipa-se, aproximando-se da realidade, ela nunca fora minha garotinha, e sim filha da atual relação de Sally com Don.

No ponto de ônibus a triste trama me abate, sonho transitório entre passado e futuro: ela ainda poder ser a filhinha da minha filha; minha neta.

Perguntam-me: – Quantos anos tem sua filha?

– Ela ainda não nasceu, não tenho filha, sonhei, não sou pai.

Na quietude das árvores, enquanto descanso alguns minutos, à sombra, antes de refazer o caminho do jardim de infância, ressoa o ar bucólico do passado presente distante.

Além de qualquer expectativa, a tragédia aproxima-se, posso pirar, gasto um tempo preguiçoso antes de começar a rearranjar as palavras ingratas e as ideias fixas, o intuito fortuito de me ver livre a qualquer momento, meu espírito anseia pelo martírio – posteriormente a liberdade recompensará os maus tratos.

Ventos de incerteza, anos de intensa modificação, e eu um péssimo aluno desinteressado, Sally a aula esplêndida, a lição: nada nos pertence.

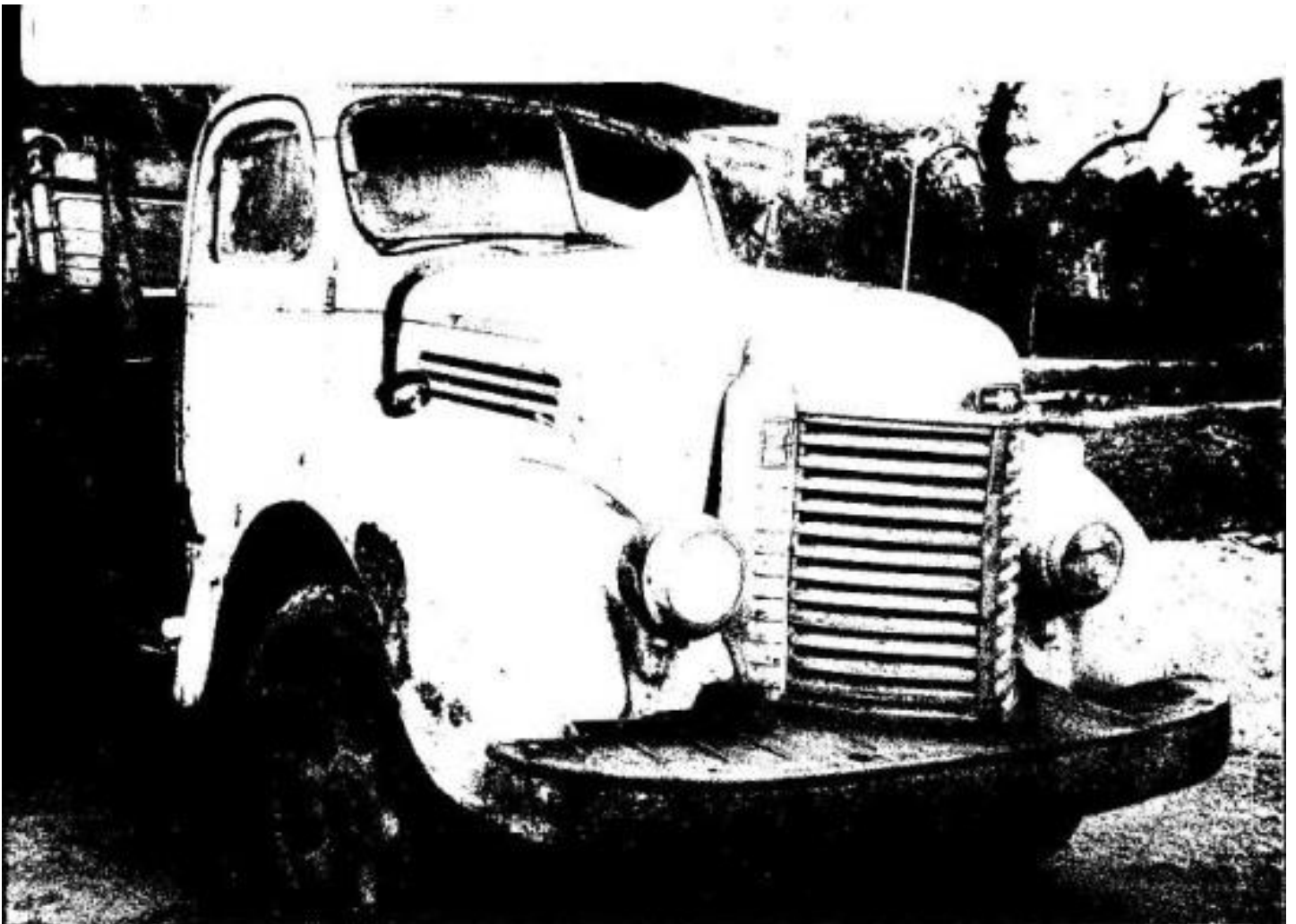
Ontem, quarta, e nós ao telefone, a linha insistentemente cruza o céu até a boca de Sally, nada constrangedor, diálogo pontiagudo travado numa ideia louca pela linha, desfile de cortes e riscos, putas esperanças transversais, projeção fora de foco.

– On the road? Medo, fuga, perseguição, opressão, abrir o teor, encher o tanque e escorrer como fumaça, soltar os bichos, liberar os grilos, esperar por aí. Proposta de escracho, não é preciso compartilhar a indiferença, o bom mocismo "hollywoodiano".

Resisto o frio e o desarrumar da tarde em minha jaqueta, em vão escorado, espero pela lotação. Mão única, única via de acesso ao paraíso sem retorno, Sally liga, pede que apanhe os convites de formatura na faculdade. Sem jeito de dizer não, confirmo.



O menino grita: – Guará I e II preço do metrô. No rádio da Kombi, a canção incomoda Nara Leão canta Roberto e Erasmo (muito antes de Maria Bethânia). Versos de um horizonte zombador diante do espírito que há semanas esforça-se por não pensar em nada, economizo trocados, evito as mesas dos bares, aperto o cinto, começo a reorganizar o acorde perfeito maior. Na volta sem surpresa, enquanto Sally lê a nota no quadro de avisos, abraço sua cintura e seguimos ao *Belas Artes*.



A CAMARILHA NA ESTRADA

Domingo, tarde de fim de mês: duro e sem opção.

Quando quero dizer algo a alguém e não consigo. Ensaio antes de pegar o telefone, então resmunguei em tom lamuriento, abafado e indeciso:

– Alô, Sally.

– Sei que você odeia ouvir minha voz nesse tom, ainda não me acostumei com a secretária eletrônica, essa população crescente.

O patético desabafo e o desânimo do diálogo não concluído parcialmente resolvido, idêntico caso de não identificação. Qual o desfecho? – Volta para o fichário ou queima de agenda telefônica?

– Gravou, falo muito? A dúvida ansiosa. – Bye!

Long Tall Sally chega, estende as pernas e ouve os recados desinteressantes.

Perseguidos pelas listras brancas no asfalto, no TX branco do ano, a camarilha dos quatro roda no fim do auge da tarde dominical, enquanto chega a hora da sessão. Em cartaz Os Caubóis de Leningrado vão para New York, apresentando "a pior banda de rock de todos os tempos".

Pneus deslizam, seta direita pisca, sinais ficam para trás, tarde esvai-se. Descemos ao lado da *Associação de Diabéticos de Brasília*.

No volante, Brother Don pergunta – vocês têm algum parente associado? O deejay do The Best Music, comanda enquanto Stone Angel prepara a vela do aniversário.

Estacionamos atrás da carroceria do velho monumento de rodas do pós-guerra, 46 anos de serviços prestados e ainda roda. Autenticamente made in Chicago, um vistoso "International Harvester", ilustração em preto e branco de revista importada, o motor proeminente, as partes cromadas, o logotipo em acrílico, várias histórias antigas e recentes de fantasmas de pioneiros da capital da esperança.

Quando novo, aonde chegava chamava a atenção. Ainda hoje é assim: recentemente a barra de direção quebrou, o freio-de-mão falhou e o caminhão capotou estragando a carroceria. Há pouco tempo, cuspidos pelo bar, bêbados de mau-humor por diversão e maldade atearam fogo no caminhão, sem pena do dono. Coisas da estrada.

Motor e homem, a longa amizade confeccionada na estrada, o roncar do motor e o destino, meio século de percursos. Parcerias duradouras como a máquina de escrever e o escritor, o caubói e o cavalo ou a guitarra e as mãos. A estrada revigora monumentos.

Em 60, JK inaugura a cidade, o caminhão já pertencia a Brasília, hoje, cada dia em pontos diversos, com a câmera na mão corro pelas quadras procurando o melhor ângulo, nunca a revelação atinge a satisfação plena, por que eu não conseguia imagens da sua majestosa presença?

Pane providencial: a tampa do motor do TX levantada, o vazamento de óleo nas juntas do motor frutifica um pensar: "o máximo que ele aguentará será os próximos 10 anos, isso se o dono o amar e não o amassar".

A pupila marota dilatada, cansada de filtrar a luz da armação da ponte *Costa e Silva*, à margem carros trafegam em velocidade com toca-fitas estridentes. Cansados de alcançar o estreito tédio visual, resolvemos fazer escala no *Buraco da Dinda*, boteco artificial, sem música, nada de tira-gostos, banheiros sem higiene, cerveja quente em copos descartáveis, a perfeita toca para ratos na *Praça dos 3 Poderes*, hoje não é sexta e Fernandinho não descera a rampa, "eta presidente rampeiro". O melhor a fazer é abrir o gás e o zíper longe do buraco, de preferência no *Cine Brasília*, com os olhos baixos e as lamúrias de Chicago nos ouvidos.

Troca de rolo. Claquete: cinema desocupado, tela povoada, eterna sensação de repetição, 90 minutos de Leningrado a New York, o filme deve ter sido premiado em festivais europeus, sem criatividade e enredo, rodado na estrada, basta abastecer, dar na chave e plugar a guitarra, aparece o letreiro "fim", somos os únicos a ler o epitáfio.

Rápido comentário:

– Qualquer dia alugaremos uma filmadora e faremos o nosso na estrada, será divertido, pelo menos terá sexo e drogas. Onde já se viu filme de rock sem estupefacientes, orgias e politicamente correto?

De volta à estrada no TX, fim da *Asa Sul*, nova chamada: – Ao sinal... No último instante ao ouvir a voz de Sally na secretária eletrônica, brota da laringe de Pat, o recado e desejo peremptório:

– Vamos foder, minha querida, porque eu não posso esperar mais nem um minuto.

Ouvidos atentos com um leve pressionar a fita é rebobinada. Sally tem o poder de descarregar baterias com o olhar, sonhos desfeitos transformam-se em contos da carochinha, diante da inclemência da cruzada cavaleiros outsiders com mínimas possibilidades de vencer, descobrem: "a aventura é rotineira e reta final".

Antes da conclusão desse romance, pesquisei e revi uma década de anotações, li as coisas empoeiradas da estante: trabalho árduo sem remuneração.

É necessário ter um mínimo de organização desde a escolha do local, o envio dos convites e notas de lançamento nos jornais, nas tevês e nas rádios. Aproximar da mídia este esforço inaudível, inútil e talvez inatingível seja os reluzentes desejos do produtor independente.

Publicado por editora, o trabalho físico do romancista seria abrandado pela assessoria, produção gráfica, e revisão gramatical decente, com sorte a perícia plástica do editor cortaria, adaptaria, poliria e lustraria a carga de palavras. Ao fim um volume rico na apresentação e exibido nas livrarias dos shoppings e das rodoviárias. Os produtores independentes precisam de sucesso, de resenhas em revistas semanais, necessitam das facilidades que a mídia proporciona.

É uma ideia distante para os incautos neófitos da literatura independente, e de imediato não vou lamber os meus escritos, antes de os publicar, deixo o amargo para os críticos.

Dou vazão a outra preocupação, perdi o bloco de anotações e as frases escaparam, alguém teve acesso às folhas. Sentado aguardo, transformo noites em baladas, conto tão e tantas lembranças para registrar a vida recente, meu roteiro em mãos erradas, alguém lê ou narra os capítulos antes de mim, só me resta anunciar: "procuro original datilografado de 80 folhas..."

Anunciar não será a solução. Haverá centenas de originais prontos e quentes debaixo dos braços em frente à portaria, com os autores dizendo ser minha a mercadoria esperando pela recompensa, teria de me transformar em editor, há vários escritores quebrados lendo classificados.

Tão tarde, próximo do dia, madrugada fresca, carne branca, senhora em prantos volta para casa pela 49. Tenho de ter a linha com Molly, hello blue lady: – como têm sido loucos esses minutos eternos de total leveza e pureza. Te devo algo e não sei em que pé vou me apoiar antes do golpe mortal.

No espaçoso cômodo, o ângulo, a visão fixa o quadril, o puxar do polegar, a parte graciosa desce, qual cor? Veludo florido, como chegou aos pés? Difícil imaginar, perdi algo, o elástico, a precisão, a garota imersa em espuma.

Através de um postal jamaicano, Molly entrou pela janela, ela penetrou na minha vida, a pin-up da moldura, logo deixou o recado sutil:

– Encontrei...

O passageiro da linha 49 em cena reta, triste e desolado, depara-se com o rabisco da resposta no espelho – Encontrei o homem da minha vida! Chamas frias removem o vapor deslizante dos azulejos, enquanto o artista maquia-se para disfarçar.

De manhã, espanto a cara de sono, a toalha seca o sorriso, a peça começa e tem lugar entre o lavabo e o vaso, como fundo musical, pingos de chuva rimam com: "tenho alguém em minha vida".

Há tanto pó nos velhos sulcos do vinil que a agulha não traduz o uivo de Howlin' Wolf, o maior cantor de blues de Chicago e quando Wolf uiva o quarteirão inteiro tem de ouvi-lo. Wolf prostrado na cadeira, de costa para a porta, sopra harmônica, tira um boogie e afirma: "garotos vocês sabem esse número mas desconhecem a vida". Ele nunca retornou para o quarteirão pela Estrada 49. Seu leito não deveria ser num hospital em Chicago, ele acreditava na volta dos bons tempos sem conseguir, poeira da estrada é difícil de largar.

Bob Dylan foragido e perdido, as encruzilhadas conduzem a Chicago, aos 10 anos Dylan fugira de casa indo parar em Chicago. Diz a lenda que ele ganhou um velho violão de um cantor negro de blues. – Teria sido de Howlin' Wolf?

Muito tempo depois, quando Dylan chegou a New York pela primeira vez, teve de gastar seus trocados na compra de outro violão. Tinha perdido o seu no trem e estava desolado. Dylan nunca conformou-se, como se o instrumento, que o acompanhava desde a adolescência, fosse seu maior amigo.

Pode sobrar dentro de você um gosto pelo estradar da tarde diante do frear esquizofrênico do ônibus azul e branco no cruzamento fechado, as portas abrem-se, óculos escuros descem degraus e, em frente, alguém espera, o olhar fixa você que corresponde, pois também procura encontrar a pessoa certa e vice-versa. Números, talvez seja discagem direta com a felicidade.

DDD-blues. Encontrei Don Harrison viajando pela 49. Na estrada durante uma parada no cemitério, conhecemos Loretta Lyn, cantando num velório.

O primeiro contato entre Don e Loretta acontece por carta, posteriormente ela retribui com o cartão escuro de números brancos do telefone da floricultura dos pais, a linha de Don na dela empina conversa, os pais de ambos não entendem a longa conversa longa de dois meses. Há que ter horas, estudo, e coreografia acidentada, quando o telefone toca, o coração dispara, Loretta corre e anda de lá pra cá com a extensão na mão, tira os sapatos sobe aos céus, volta, senta, escurece e o papo segue noite adentro. O fio passa por entre as pernas transmite o orgasmo verbal, a língua presa entre os dentes procura assunto para roçar.

Dois longos conhecidos de interurbano, Don nem atende às chamadas no serviço; pegou "bode" de telefone, Loretta não consegue linha, a conta sobe pelas paredes, agora só após a uma hora da madrugada, ele segue para o quarto, onde disca, e só atende as ligações de domingo, isso o tranquiliza. No telefone o amor é algo distante e próximo, Don sussurra – quero a sua calcinha. Ela não cede...

Don Harrison a ouvir o Cochese ("uma banda dos anos 70 acima de qualquer suspeita") e a lembrar de situações distantes que o remetem ao hoje. Don de cacete mole tira onda: – minhas pretensões foram trocadas por previsões; sua declaração desperta a pausa desconfiada de Loretta, talvez ele a convide para viajar...

Acompanhado pelo sorriso sarcástico, Don exercita a arte de ser inconveniente, ninguém provoca como ele, as pessoas respondem ou saem do sério, suas ironias aborrecem, poucos compartilham da sua intimidade, aproximam-se sem estardalhaços, ele encarna o narcisista convicto encena o gênero: maldito e underground, nada de escândalos, cultua o formal, o social, civilizado, ascende socialmente, sua arrogância irrita aos predadores e roedores.

– Qual a tua cara?

DIA 36

Fugindo de grande preocupação existencial, o olhar rútilo de Don contempla as cores primárias do quadro.

– Não posso ficar duro. O dilema, por isso Don geralmente não se amarra em ninguém, porém desta vez...

Seu tempo esgota-se. Quem decidiria sua sorte? Eu – melhor amigo – os inimigos ou sua mãe? Infelizmente, eu sou obrigado a participar dos jogos mentais de Harrison: fumar sem parar, beber leite desnatado, jogar cartas marcadas na caixa do correio, e viver loucuras.

Don volta do espelho vazio e coloca "Dia 36" (Johnny Dandurand/Mutantes), minha canção e data zen, arranjo intrinsecamente obsessivo, enigmático, renascentista, inesquecível, relaciono o trigésimo sexto dia do mês ao mistério e tormento, vozes arrastadas levam ao cérebro a criação estupenda, a imaginação no poder intimamente associada aos acontecimentos de *Maio de 68*.

A dose, a carteira e o ambiente esfumaçado contrasta com o pensamento etílico. Nas paredes, retratos fiéis das preocupações, os neurônios têm sido legais, nunca me deixaram na mão. Penso, não soffro.

A velha foto deles, lembrança amarga: *Domingo de Páscoa*, o dia em que o pai de Don faleceu, ele inundou de lágrimas o carpete. As lágrimas transbordaram pelo aquário, uma figura submersa querendo emergir de uma profundidade abissal através de uma melodia de ninar. Agora ele anda estranho e diz detestar domingos.

O dedilhado do violão acompanha a cachoeira de ideias. Somos uma dupla de idiotas no *Topo do Mundo*, esperamos pela nevasca, e o humor? Negro, o "topo" é nome de bar.

Sutilmente, através de rabiscos, o artista que há em Don cria esboços mudos da sua realidade. Sem contornos, ele traça perfis.

Don pergunta – O que é mentira?

Respondo: – o poder de síntese utilizado na literatura.

Através de interrogações o desgastado Don me goza: – Há algo pior do que ser judeu e homossexual?

– Antissemita. Ironizo.

Para mim, suas perguntas costumam morrer sem respostas. Don é repleto de indagações, não deixa ninguém à vontade, homens ocultam algo e eu não sou exceção no mundo fingido.

Durante um bom tempo, Don conservou o sigilo em torno da correspondência dele com Loretta. Por iniciativa própria, ele me mostra trechos, garatujas impressionadoras, devoradoras de: papéis, linhas, métricas, Loretta não perdera a mania de enviar mil frases em um postal literário; as tramas de Lore surpreendem, não pecam pela originalidade, superam a maioria dos roteiristas conhecidos da cidade.

A insegurança de revelar que fomos ingênuos ao acreditar em alguém e dançamos. Certamente, os escritos de Loretta não são para a posteridade, frases fugazes. Recordações momentâneas. Particularmente não me lembro de nada que devesse permanecer sepultado, isso me empobrece. Estou aberto a machado, porém mais de um milhão de vezes escondi e me escondo, mas o sol me descobre num enigmático "Dia 36".

A mente emerge e pede interação.

O "reverendo" Don Harrison confessa – ontem me apaixonei pela sua garota, Pat.

Amor e ódio à primeira vista.

– Você acredita em ódio a primeira vista? Ele pergunta.

– Não. Secamente, a voz responde. Ele definitivamente me sacaneara, seduzira Sally.

Tudo desenrola-se enquanto espremo um tumor, larvas brotam, vomitam ovos entre dedos inertes que acariciaram a face de Sally deve ser uma piada. Espero! O versar descamba para tudo alegre, lindo, findo.

Sinto-me solitário, tento dormir, mas as vertigens confirmam: o cidadão Pat sofre de insônia. O trabalho compulsivo, tudo em movimento, não entendo a linguagem as linhas telefônicas ocupadas. O idiota tem um pesadelo real.

O desacreditado Sr. Harrison, desprezível e sórdido, aspira nova carreira, e exercita sua inteligência e loucura superiores. Despede-se da mãe no carro dela.

– Como a cocaína me ajuda a evitar a depressão. Com essa frase tirada de *Almoço Nu*, Don justifica o vício e ameniza os efeitos dos olhares reprovadores.

Livrentemente, Don circula pelas quadras arborizadas carrega no banco de trás o roteiro, companheiro de último semestre do curso que renderá diploma cinematográfico, escritório e a nova produtora.

Donald Harrison, futuro diretor, ostenta uma cara ótima, sem preocupações, ele possui o amor e a admiração materna, e sabe: sua hora nunca chegará.

Alinhado Don flexiona os dedos, exhibe a larga dentição alva acostumada a arrancar sorrisos de prostitutas e colunistas, basta querer, abotoaduras brilhantes destacam o corte inglês do terno. Educado, gentil e não menos culto, no papel interessante de ser o cara que as filhas gostam de apresentar às mães. Sua conversa convence; aparentemente o sujeito não passa de pompa, é só. Eu não consigo fugir do magnetismo de Don, a purple haze me enfeitiçou...

Pat perdido; Don, o rábula seguro; idiotas diante das imagens de 24 polegadas, com som stereo, garantidas até a *Copa de 98*.

Noticiário: estilhaços. Mergulho no inconsciente da sociedade brasileira, mosaico cruel e sincero de degradação e fome, apaixonantes imagens de violência: na praia de Copacabana (princesinha me emociona) ameaça de novo o arrastão; no centro, trombadinhas batem carteiras de aposentados; hospitais sem vagas nos leitos, maternidades improvisadas pelos corredores; na Central do Brasil surfistas ferroviários mutilados agonizam esperando socorro; esquadrões de extermínio de menores assassinam trabalhadores; famintos procuram restos de comida; e no meio disto tudo, Caetano e Gil, 26 anos depois, lançam *Tropicália II* com a capa plagiada de um disco inglês – isso é Brasil!

Permanecíamos humanamente crônicos, às vezes sarcásticos e em perversa ironia acompanhamos as mazelas e os desvios contemporâneos.

– O que é burocracia? Para que serve a tecnocracia? Alguém responde?

Prosseguem campanhas de prevenções e comerciais de tevê e passeatas contra a fome que não espera por planos.

– A demora afronta a espera e o formalismo impede o total verbal; o sindicalismo é uma ofensa. Trabalhadores perderam com a transformação dos salários em URV, o Ministro-candidato grita: – Deflação à vista.

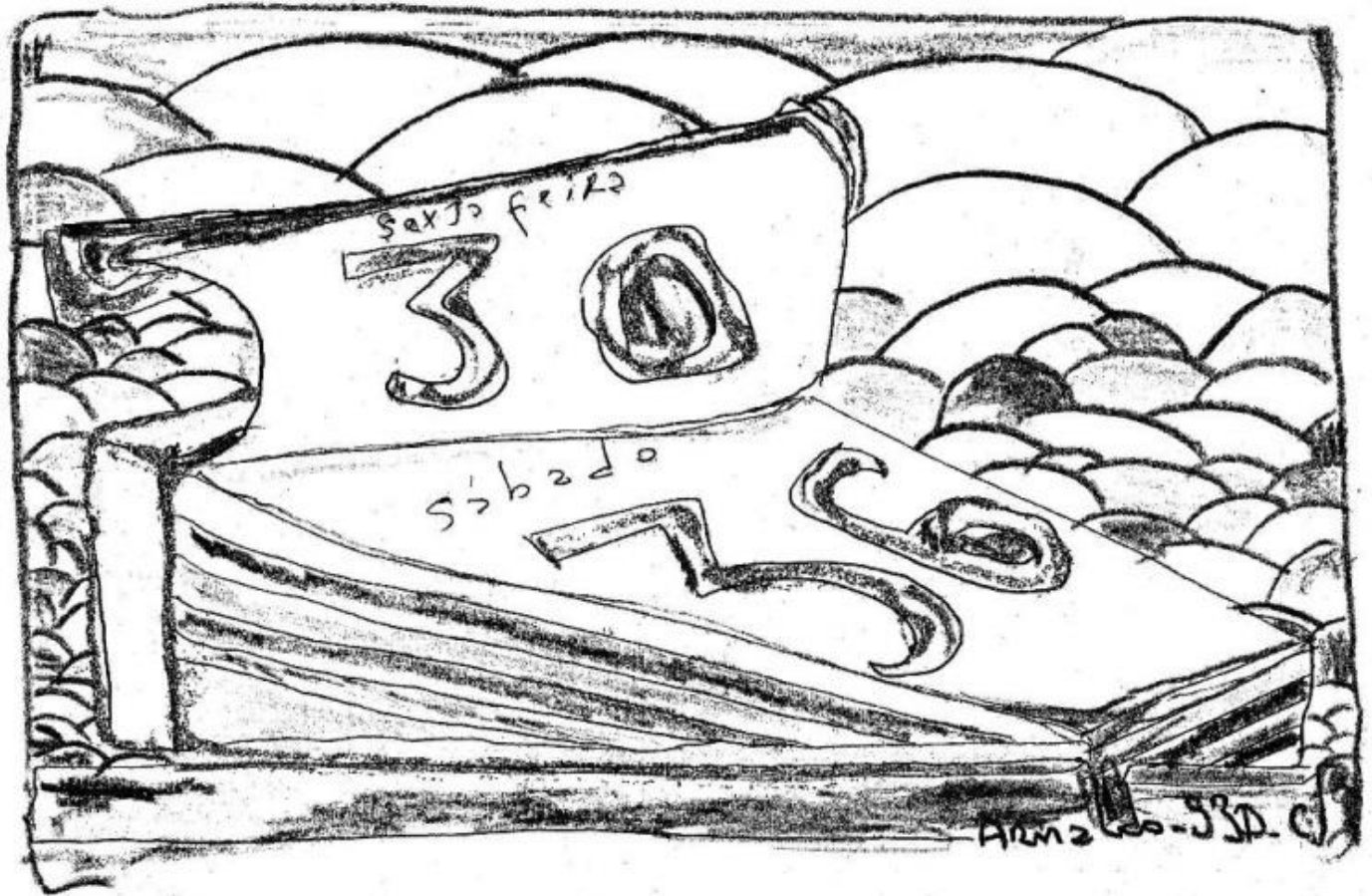
Propagandas: "tudo para o lar, estamos liquidando, uma entrada e outra para 30 dias". – Lar?

Representantes dos lobbies e defensores das ideias classistas dirigem-se à capital, começa a eleição.

Nos corredores das instituições, traficantes devidamente identificados fazem "aviões milionários". Nos gabinetes homenzinhos sem qualidades de ternos cinzas e tênis acompanhados de pastinhas repletas de "verdinhas" anonimamente divertem-se nos tampos de vidro.

No *Anfiteatro da Esplanada*, o povo prepara a lavagem do *Congresso*, enquanto os atores titulares disputam papéis de deuses, de diabos, de profetas. Na novela das oito diálogos politicamente corretos, a farsa amplia a audiência dos telejornais noturnos: no território nacional, políticos corruptos continuam sendo exceções, de olhar vendado, a vetusta faz vista grossa.

Toda uma gama de problemas nacionais, urgentes ou graves greves, solenes e ridículos mandatos, abordados pelos editoriais dos jornais do dia seguinte exploram incertezas e a total falta de visão do cotidiano: desde o papel da dívida externa ao faturamento das multinacionais, as relações de trabalho e lazer, os patrões e empregados, a moral e o civismo, a igreja e os militares. No vídeo imagens contundentes, na vida pouca dignidade e nos jornais raras notícias de um fenomenal "Dia 36". Diante do instinto é difícil manter um ideal.



ESCUTO SUA GUITARRA À MEIA-NOITE

In memoriam Eduardo Chermont Carvalho

Extratos, contas, convites, a remessa repetitiva da caixa postal. Não faço questão de que gostem de mim, via telefone regularmente poucos mantém contato.

Baseado na solidão, a necessidade de gostar das pessoas cresce, nunca exige reciprocidade, contra minha vontade parei com a correspondência, o tempo e a inspiração rarearam, libertava-me da sensação de vazio, durante o silêncio forçado a demanda da caixa postal se resumia a convites literários e periódicos políticos.

"Guitarristicamente", evito a distorção, interrompo a corrente elétrica, abordo o gancho do telefone, em harmonia trovões e raios iluminam a janela, enormes rugidos competem: tempestade e vibrações desligo o barbeador.

Don Harrison, passaria uma semana fora, como delegado no congresso de funcionários públicos.

– Pra' quando marcamos a cervejada?

– Fala a data.

– Que tal 27 de agosto?

– Fechado...

Diálogo concluído. No meio do caminho, indo ao trabalho, encontro o ex-bêbado Gerald, que me agarra, dessa feita pelo pescoço: – sua axila está horrível.

Gerald abandonou a garrafa e herdou o título do cara mais chato do mundo. Tornou-se parceiro da velhacaria malandra da cidade, toca pandeiro e aprende alguma coisa durante a execução dos chorinhos, a música sempre fora seu verdadeiro amor. Grande parte do seu tempo, ele dedica ao adestramento de cães pelas quadras, cada animal vale um troco ao final do mês. Sentado nos degraus da calçada mastiga e divide pedaços de mortadela com os animais. Em companhia de uma morena, o ex-bêbado Gerald proporciona fotografia aos compradores de pão, ele nunca mais falara com Angie. A imagem do cara legal que continua sendo útil para a sociedade sobrevive, apesar de ter perdido a mulher. Quando doente e quebrado, os amigos aproveitadores tiraram Angie de seu convívio. Hoje ele está melhor, por diversas vezes a ex-mulher o maltratou, levando-o ao desespero. Por fim arrumou-se.

Conheço muito cara pior morando debaixo de pontes por causa de peruas, ele gosta de me ouvir contar essas histórias...

Desafiador, barulhento e voraz, o vento agita as copas das árvores, arrepia a espinha, estala galhos, levanta poeira. No firmamento, a água dilui, vidraças sussurram: a tempestade se aproxima! Batidas imaginárias na porta, ecos de notícias distantes; naquela madrugada de domingo, um mau pressentimento apossa-se de mim.

Todos os dias as matérias trágicas dos matutinos procuram de forma espetacular atender à tola esperança dos leitores por encontrarem o lado cômico da vida, a compensação através das desgraças alheias, – o vento, a necessidade de ler os jornais e ouvir noticiários, nas próximas horas as notícias trazidas antecipadamente não seriam boas.

Terça-feira, depois de receber o vencimento mensal e esgotá-lo em menos de 24 horas saldando dívidas. Logo pela manhã, a perplexidade com o tamanho da fila no banco e a indignação provocada pelos juros de um título atrasado, aquele que salda seus compromissos tem motivos suficientes para ser feliz, restara-me o troco do aluguel.

Dividido em fatias, metade de mim pressiona: devemos começar logo a ter fé, talvez consigamos zerar o saldo negativo e sermos felizes, se instantaneamente largássemos essa linha e fôssemos alertar as pessoas produziríamos algo distinto, digno e divino.

A metade restante alerta: sua alma é pagã, duvide do sentido religioso organizado. Em cima do muro, sem filiação partidária, sem ligações com exércitos ou legiões da salvação, desconheço o esquema religioso, ignoro obras assistenciais suspeitas, ou o grau de autoridade na pessoa de pastores, médiuns, videntes, bispos, ministros da salvação, ninguém precisa de intermediários. O Senhor marcou o encontro desde o dia do meu nascimento.

Ideias e rumos diferentes, pausa para meditar e entre as medidas provisórias do governo, o conflito no Golfo Pérsico e o cativeiro dos reféns. Atento-me para dedicar um minuto de silêncio pela alma desses mortais que morrem nos céus, facilitando o acesso ao paraíso.

Os blues são uma carga pesada vinda de algum campo de algodão da América, acredito no que dizem, ontem Stevie vivo, ao vivo, dedilhava blues de carga pesada, fora apresentado como um dos melhores no instrumento, segurava a guitarra tirando o som natural da lenha caindo, o eco visionário, talvez o público tenha ouvido o som próximo de sua natureza devastada. Naqueles dois bis o fim da breve existência terrena e o início da lenda.

– Onde descansará a guitarra hoje?

Ninguém sabe se a guitarra precisava de férias, ou sentia-se cansada, talvez passasse algumas horas nas mãos do mestre tocando um acalanto para o filho – Mary had a little lamb, ou Stevie contaria histórias de faroeste usando as cordas como suporte, e na certeza de abordá-la depois a largaria pra responder a carta de um fã, ou atender ao telefone.

Bruhm! De repente um corte brusco, ouve-se um acorde serrado e tortuoso entre as nuvens. O telefone continua a tocar e nada, ninguém em casa, a guitarra emudece. Hoje o mestre não precisará dela.

Onde ela descansa? A interrogação volta. De repente, o fim da linha, nem o álcool, nem as drogas venceram Stevie. Um destino sagrado como Buddy Holly. Os garotos do Texas fecham as pálpebras para o sono eterno sem preocuparem com descanso.

As pessoas estão indo, indo a lugar nenhum, sem dizer adeus, talvez conhecer o paraíso.

Stone Angel, cai, ao ser pego em flagrante roubando uma moto, meu amigo "chapado" aos 20 anos de idade, enforca-se com os cordões do all star na minúscula cela de detenção, ninguém o impede, por ser primário estaria livre em poucas horas. Indefeso desiste no auge da vida, "destruído pelo remorso", morre de desejo, "ao final" – o cadáver de Angel herdou as marcas de violência – coisa mórbida!

Na mesma cidade, no mesmo dia, o jovem universitário da mesma idade, depois de "fechado" no Eixo W, mergulha, a "tesourinha" corta as asas do outro anjo que morre esmagado nas ferragens do carro. Ajoelhado diante dos destroços ao final da oração, seu pai faz o sinal da cruz num momento de dor. Notícias singulares, o acidente é seguido de uma campanha contra a violência no trânsito – "dirija com amor" e ganha destaque na mídia, o "suicídio" de Angel recebe uma fria nota no caderno "Cidade"...

Imprevisivelmente assustadora a probabilidade de você vir a ser o próximo. Dia desses, recebo uma ligação, Loretta, a cantora, fora hospitalizada. Um susto, perco o fio da meada, fico fora do ar, corro para o hospital. Ainda bem que não ocorre nada de grave ou de permanente com Loretta.

Vivendo noitadas, desvalorizando as horas, não economizando dinheiro algum, preocupado com contas. No fim o desfecho e os seus problemas estão definitivamente resolvidos, ou começam definitivamente?

No braço da guitarra há alamedas e esquinas, camas e quartos, cada acorde uma garrafa, cada nota a pegada impressa nos sulcos. A extensão e a dimensão acompanhadas pela errante 59 Sunburst Stratocaster.

Stevie Ray Vaughan onde estiver continua maravilhosamente tocando guitarra tingindo de negro dando o tom blues ao firmamento. Há de se continuar ouvindo Stevie por aí.



MUSA DO HAMBÚRGUER GORDUROSO

Ouça Quando a Sorte te Solta um Cisne na Noite

Cenas raras, dublês distraídos flagrados sorriem ostentam semblantes despreocupados. Aparentemente incapazes de esboçarem reações, os dublês preferem se resguardar. Não revelam sinais de insatisfação; não manifestam preferência ou presença. De vez em quando a testa enrugada expõe a expressão de preocupação, mãos em cumplicidade escondem o rosto e enxugam o suor.

Solitariamente vago em meu mundo de ideias destituído de vestígios ou sentimentos, passageiros de sua própria profissão, os melhores caubóis têm olhos de chinês, logo penso em Charles Bronson.

Tudo carece de tempo, rápido no sacar, na velocidade do piscar esqueço as preocupações para dar lugar à fantasia de adolescente, a cabeça pertubada concentra-se na pessoa à frente.

Darphin, a garçonete de azul, representa.

Olhares cruzam-se nas mesas próximas ao corredor da faculdade de artes, cinco dias por semana a cena repete-se, sem diálogos, nem ao menos um olá.

Objeto de contemplação, de devoção e de inspiração. Por entre guardanapos engordurados, os poetas embriagados da rodoviária não sabem explicá-la porque ela assume diversos papéis...

Por vezes o feixe tênue de luz ilumina a face azul menina-menino da garçonete, gerando alívio. Próximo ao rosto lúcido, o dedo insinuante movimenta o gelo no espaço circular da borda, águas límpidas batizam corpos e regam impurezas centrais de um planalto.

Por fim, a noite persa apresenta um oásis ornamentado pela piscina prateada esvaziando gota por gota até a antiga construção, onde desliza um cisne na noite, a embarcação no leito da alma, trafega pela autoestrada da satisfação, até atolar nos bancos de areia. No bater, as asas fogem; deixam escapar dos membros a suma essência das influências.

Sob a travessia da incerteza, o passo demorado palmilha à margem dos ventos perdidos da cidade.

Cores fortes e amargas, tons vermelhos e prateados da aquarela, sinais da luta pela sobrevivência expressadas no sangue soropositivo do artista na tela.

Veículos em movimento pelas rodovias iluminadas, borradas por placas e faixas, em marcha insensata chegam a lugar nenhum, traços fogem da falta de compreensão.

Terríveis paixões humanas têm gosto de sangue rubro, quente, viscoso, lubrificam o compasso do coração fortalecido pelo moto-contínuo da paixão, circulam pelas paredes das artérias aumentam a temperatura do corpo, fortalecem o esqueleto, enquanto o cérebro imagina dorsos desnudos.

"Sei que a amo". A assertiva é necessária à sobrevivência, torna o ar ao redor precioso, dá condições para a perpetuação e manutenção do sentimento. Pela dificuldade avalio o valor da pérola. Na vitória após a batalha um troféu simbólico e suficientemente inestimável, você sabe que será esquecido.

De pano sujo à mão a garota azul limpa as mesas, do lado de fora da vitrine o poeta procura um reflexo melhor, pela vidraça degusta o fumegante almoço, péssimo gosto de guarda-chuva, a tempestade arma-se, ele precisa mudar de ares quem sabe entrar?

Após o expediente, Darphin, em traje de esperança, no verão do amor representa a alegria de um sorriso, o tributo ao fim da jornada.

O traço do corpo: esguio, alongado e retilíneo. O horizonte ilumina o quadrado de lojas contornado pelos esvoaçantes cabelos cor de sol, ornamentados por um lenço verde-espiga-de-milho, fios da cor da lua amarram a noite na cidade.

O amor é uma fuga em diligência, esperei, não consegui alcançá-la.

No letreiro gigante, a enorme boca vermelha de linhas sensíveis em lábios delicados, da cor da pele ferida no arame farpado, o sangue concentrado, marca do beijo de sabor framboesa em couve-flor.

Dentes solitários na penumbra defendem a língua eterna companheira, estreita parceira, testemunha do sabor.

Outro dia na semana, o conjunto de jeans desleixados, curtos e a jaqueta negra contrasta com o tecido liso e a tonalidade da pele, se ela aparasse os cabelos ou mudasse de emprego e xampu, seus cabelos seriam livres, limpos e brilhantes, a atração me domina. Quero ser dublê de cabeleireiro.

Enquanto a garçonete anota o pedido, calmamente observo a silhueta rósea do seio com o mamilo macio levemente amontoadado à mama sem divisões na pele clara. A textura suave da anatomia em contato com o tecido provoca a excitação do voyeur.

Tornozelos torneados à mostra, acariciados pelas mãos de unhas vermelhas fatais, capazes de rasgarem o cardápio, adoraria continuar, Darphin interrompe a cena.

– O que vai cavalheiro?

ENFIM, S.O.S
Ouçã Shades of Deep Purple

Barba de três dias, óculos nublados, pseudo ar de intelectual ressaqueado, o piso laqueado distante, o teto negro próximo, o longo corrimão íngreme, os bolsos descosturados, agenda de veludo azul.

Feriado. Cidade vazia, a vista corre pelo bloco de lojas, a cabeça pendida ruma atrás de notícias.

Na banca de revistas. Depois do rouco bom dia. – O jornal, por favor!

Boas novas, os 6% serão creditados na segunda-feira. O breve assobiar do pedido de ajuda antes do sonho acabar: Help! Intragável melodia de pessimismo envio ao mundo o s.o.s.

Na juventude nunca nos rotulamos de covardes, somos o máximo, o vazio não existe, e esquecemos de que gostávamos pouco de nós mesmos.

Imagens obscuras e tremidas, retratos esquecidos, papéis de ontem, ilusões, um passado ausente de felicidade, inexistiam companheiros; vizinhos invejosos, inimigos, amigos distantes, e garotas nunca tocadas como deveriam.

Tudo se arrasta devora-me. Decido não continuar a rever, ninguém gosta do título de o maior abismo do século, e incessantemente, para minha decepção, as Fm's continuamente através de Tina Turner, levam ao ar o s.o.s – Jagger, cinquentenário continua a guinchar I Can't Get Satisfaction – valho-me de que, vivo, Lennon não voltaria a suplicar por socorro.

No *Caderno Mulher*, a modelo da propaganda com o cabelo enleado, a face infantil, o corpo estendido e colado à areia, entregue aos raios perpendiculares, exhibe uma esticada, e a outra perna dobrada em formato isósceles esconde a coxa, o peso das costas totalmente apoiado no braço esguio, enquanto a mão esquerda abafa o ruído, tirando a água do ouvido.

A areia na ponta dos dedos do pé, a concentração do azul no fim do turbilhão e o intenso movimentar da cabeça presa aos fios do fone de ouvido, de par com a voracidade cibernética do saboroso corpo no vistoso maiô vermelho.

O mar a ensurdece, salgados momentos calmos de surdez momentânea, marcam a vida extremo gosto pelo gozo durante o descansar e o vislumbrar da aurora obsoleta na paisagem marinha, eternamente ruge, umidamente ao ritmo sincopado das ondas de encontro à areia, ela ouve: castelos feitos de areia.

O corpo bronzeado atirado inerte espera. De braços abertos, imagina flutuar sem deixar o lugar, a tatuagem ao arco-íris reserva homenagens horizontais, experimenta o sol após a tormenta.

Ela se espalha com as ondas, em várias direções, soerguida, cuspidas no meio da ressaca, amassada, arrastada pela Dorsal. Contorna o litoral impedindo a continuação do s.o.s.

Após intermináveis minutos de imensa dedicatória ao anúncio sou incapaz de despender um mínimo de atenção aos artigos, imagem e lembrança confundem o feriado, largo o jornal. Preciso me arrumar...

Nas camas, o prelúdio coletivo envolve os familiares interessados no negócio, longos dias de longa espera pela concretização e semanas de saudade e meses de tédio e anos de vida em comum e décadas de comistrações e desabafos e confissões e segredos de recém-casados.

– Enfim, sós; mas religiosamente acompanhados.

Sally & Don Harrison, o casal real, tem a tarde inteira para desperdiçarem fazendo as malas e os preparativos no mesmo quarto e cama, mortalmente apáticos, tentam ser a graça num quarto de hora antes da cerimônia, aguardam pelo momento triunfal e pensar que passarão o resto de suas vidas juntos nas alegrias e tristezas.

No recinto sacro, onírico opus galante de Chopin, estala a madeira dos bancos. A sonata conduzida geometricamente com precisão de cirurgião pela regente tranquiliza, cria a redoma necessária de sossego, respeito e paz, mina o esgotar dos nervos.

– Odeio pompas matrimoniais, não deveria ter vindo. Mas no fundo, ainda gosto de Don, esse laço de amizade e resquícios de fé materna me levaram a rodear o átrio.

Diante do altar, vigiado pela imagem crucificada, sentado abaixo do iluminado candelabro carrossel do parque de diversões da capela, Cristo me lembra Nossa Senhora.

A travessia e a condução musical simultaneamente cessam. O celebrante, por fim, inicia o cerimonial.

– Há algo errado comigo e não é a solidão nem o desinteresse das pessoas, ultimamente tenho estado de bem comigo mesmo, libero montes de histórias presas em algum lugar do guarda-roupa.

Lá fora princípio de tumulto. Loretta não fora convidada, sua presença era aguardada e temida; então a segurança barra, agride e humilha a ex-amante. Em suas excursões pelo submundo nunca sofrera semelhante agressão. Nesse ambiente luzidio, as trevas abateram-se sob Loretta, ela poderia entrar e, acompanhada pelo órgão, cantar.

Loretta sacerdotisa suprema do nylon, da cinta-liga e do salto Luís XV trocara os infalíveis veludos e couros negros pela seda branca dos vestidos de noiva. O voto de amar a Don cintila em seu coração, sustentada pelo sentimento e escudada pelo branco puro, sua marcha em direção à felicidade se tornaria realidade... Não fosse interrompida bruscamente. Impedida, ela não será a que estará no altar ao lado do príncipe. Ela levanta o olhar com rancor, dor e ódio ao noivo.

A afinada voz de Loretta ecoa pelos quadrantes do templo:

– Aquele crápula me paga, essa cadela não vai durar um mês ao lado dele!

Após a cerimônia – e o tumulto -, Don conta-me uma história de encorajamento, cita Carolina de Jesus, a autora do Quarto de Despejo, (diário preenchido por anotações de fatos e situações vivenciadas por ela e vizinhos na favela, o revés e o viés da realidade insensata transformando-se em campeão de vendagem, papéis enclausurados registros de imagens dos anos de penumbra, expectorando, sentindo o ar, na forma de exemplares vendidos em livrarias. Anotações aparentemente sem importância para a posteridade, Carolina de Jesus limpou o quarto de despejo e vendeu milhares de exemplares no mundo. Desde o início, o valor de seu cotidiano fora reconhecido).

O lampejo é interrompido para atender o telefone, alguém responde ao s.o.s.

Molly me liga na véspera do baile, transforma o céu amarelo em hi-fi, liberta-me das cinzas do carnaval no baile de despedida. Não preciso correr, coisas e fatos me alcançam, colidem com a realidade, são as surpresas da vida.

Os fatos determinam as horas certas. Várias vezes tentei avançar, e antecipar o final, diminuía o interesse pelos capítulos, saltava folhas, emprestava os originais e sempre retornavam às mãos experiências enclausuradas, anotações bem ou mal redigidas e versos descrevendo a realidade dúbia na falta latente de estilo dos iniciantes escritores.

Como prosador iniciante, larguei uso: "navegar é preciso, viver não", (resumo da despreziosa conversa telefônica em pleno carnaval). Ter navios naufragados, possuir passagens aéreas de balões inflados, isolar o coração, correr riscos sem apólices de seguro: aventuras sem dublês. Somente a sensação de estar enfim só e a perigo, à deriva, naufrago de seu egoísmo a cobrir o risco da empreitada.

Volto ao fio telefônico: – se me permite abusar da vossa atenção, tenho os domingos e a vida calma, nela não há nada plantado, só ficção, animal no cio e dramas, tudo segue em nós e o teatro da representação estampa duas faces voltadas para a realidade e a ilusão e dois caminhos e várias metas e a dúvida: ser reto ou sinuoso?

– Pecado estampado, traço limitado o que te reduz e amedronta?

Destilo veneno, sou um réptil pestilento. Não disponho de muito gás, pouca excitação, a viagem tem sido legal, imagens na neblina, no dorso do animal a velocidade elétrica e alucinante nas escalas da guitarra de Alvin Lee.

O telefone ocupa as férias de verão, mulheres desnudas alegram fevereiro e o raio oblíquo solar corta nuvens radiantes como o *Cristo do Corcovado* e Frank; o velho Sinatra canta no Maracanã recheado de bacanas e entre os dólares arrecadados, bicheiros aos pés do Redentor convidam The Voice para desfilas em carro alegórico. Há muito o carnaval deixara de pertencer ao povo, nunca me convidaram para fazer parte das alegorias.

IRONIA CONTIDA ABORRECE

– I never before!

Nunca!, pronuncia de arrependimento, de indecisão: nunca voar, cavalgar, velejar, orar ou chorar.

I never before, a sinceridade na negação, presente nos diálogos, a frase escrita para as telas que esconde a insegurança, portanto diante das câmeras e do diretor repitam – I never before!. Sorriremos satisfeitos não pelo conteúdo mas pela maneira sucinta da resposta.

Não gosto de coisas sensatas, claras e precisas, no geral sempre estou pela metade do ego, do ser, do caminho, portanto nunca faço nada completo, não é doentio?

Escrever argumentos ou narrar fatos baseando-se no grau da percepção de conhecimento que as pessoas têm de seu trabalho é algo, além de grotesco, divertido. E os demais, que não estão familiarizados com suas ideias? Devem continuar a acreditar no que as pessoas comentam a seu respeito? Você confirma ou desmente as distorções? Crise de identidade?

Dias marcadamente "colloridos" quando a indecisão fez parte do argumento nas trapaças, retrocedi ao revival tropicalista, procurei o sol nas bancas de revistas, reouvi os arranjos de Rogério Duprat e Julio Medaglia, li desde antologias com versos e crônicas de Torquato Neto aos "poemas escolhidos" do cineasta Glauber Rocha.

Procurei discos, entrevistas, trilhas sonoras, aloquei documentários, vi vídeos, revi cenas de festivais e escutei avidamente as fitas e canções da época, colecionei recortes, depoimentos, textos sobre o cinema novo; em simbiose, o som dos Mutantes trazia a mística, em viagem pelo Oriente embarquei.

Versos de profetas alados e imagens transcendentais povoam o cérebro – eu transcendera; o cinema devolvera-me as cores, a antropofagia devora o renitente eu, por opção retornei ao som que me abriu a cabeça para a viagem das letras, a poesia perde a coerência a partir do momento em que a coisa fica enrijecida entre as pernas.

De volta ao cotidiano, na véspera de uma segunda-feira, permaneço acordado até tarde; escrever é barra, por fim: "feliz breves férias feridas", no postal.

Na rua frente à vidraça, pessoas agasalhadas esperam pelo que nunca vão sentir, os primeiros raios de sol, esperanças de melhores dias, talvez a felicidade comece pelo discar do número e ouvir a voz dela, isso me deixa a dois passos do próximo despencar, a queda prosseguirá.

Alguém ao telefone, já te disse, com a voz rouca de quem acaba de cair da cama? Bom dia! O gancho do fone reflete a cara preocupada com os ponteiros do relógio.

Miss Molly, titânica margarida psicodélica, Angie violeta recapada, mestre e discípulo, perdidas nos enormes corredores do supermercado. Acompanhadas de embalagens, procuram por ofertas, à espera da vez para registrar os pacotes, o viver normal na história da civilização contemporânea.

Molly bem-humorada, "de cabeça feita", caminha na lua, de sua voz, boas vibrações emanam. Sinto isso quando ela me deixa na fila da bilheteria; durante o filme mudo procuro o som do riso e a cor do celulóide no tecido erótico do corpo dela.

Ombros poderosos realçam o branco da camisa de ombreiras, cabelos castanho-mel amarrados, pernas assustadoramente viris calçadas em enormes botas pretas de cano longo, surge uma nova e agressiva estrela de cabaré, sarada das doenças, aliviada de temores e dores, com tempo e disposição, do corpo de Molly escapa um ar masculino, ela deixa de ser a falsa magra.

Torna-se a grande mama, dona das tetas miúdas de Angie.

Aproximei-me. Angie sem jeito de me ignorar, artificialmente sorri, automaticamente Molly me encara e saca uma mensagem : – quem mama aqui sou eu, ela está acompanhada, entendeu? Antes de bater em retirada penso no prazer das zonas erógenas: "nada como uma mulher para entender outra"...

Até hoje, poucos compreendem o absurdo sentimental da relação a dois quando ninguém arranha as costas ou deixa de telefonar: – e se eu não te ver (te ter) hoje? Tratarei de vulgarizar seu pecado, sem Molly eu perco a inspiração talvez até deixe de escrever...

Dia após dia, melhora, ignoro os obstáculos e arranco sem atingir a reta final, no corpo a corpo do diário o tempo melhora. Dia sim dia não, pequenos avanços resultado do esforço e horas de breve-profundo pensar.

Demência e sonolência mal resolvidas ilustram o triste mosaico cotidiano. A fragilidade embevecida de auto-satisfação percebe a beleza primaveril e não adianta falar de tardes cinza e lágrimas derramadas em campos estéreis.

Quando o ardor estiver com a chama baixa e as melodias repetitivas, apenas o sarcasmo suplantará as imposições, as restrições e coerções, em cumplicidade a vontade de escandalizar será a forma de evitar o doentio desejo do passado e, não perca o humor, a ironia contida nos aborrece...

PORRE HOMÉRICO

Para levantar, ler, ligar e ouvir *Straight Up* com Badfinger

24 de maio, hoje uma data distante.

De ressaca o animal acuado no circo constante, desmemoriado procura as horas e 20 originais soltos depois do porre homérico.

A magnitude existencial celebrada, a realização do rol de caprichos comedidos, das ousadias atenuadas e da mísera estupidez comemoradas.

No ar matinal desejo a solidão. Apenas sublimes canções permitem apreciar a extensão da dúvida: – existo?

A loucura é universal e atemporal. Não há inocência. Pete Ham enquanto tocou guitarra no Badfinger transformou a loucura e o amor em sinônimos. O tema envolvente de suas canções precipitou o fim precoce do compositor todos os dias o sol brilha em mim...

Anúncios de "quentinhas", de cestas de café da manhã, jornalecos com listas de preços promocionais de supermercados, de madeireiras, propagandas de cartomantes, pacotes turísticos, na hora do almoço por telefone vendas de planos de saúde, panfletagem política, distribuídos em horas impróprias, no mar de mãos estendidas, afogado em tanto papel, fuga pela escada rolante, linhas verticais de filas de ônibus e logo rodoviária distante, o firmar do cansaço da vista, a pulsação atravessa, apenas um aniversário...

Noite desastrosa, sem inspiração perdi várias partidas de bilhar e doses, não me dei por satisfeito, o dia não tem sido diferente, quero me ocupar comigo, o telefone insiste em interromper-me, tento isolar-me na tevê em imagens diferentes, estática, tudo em casa parece fora do ar – a casa maluca – nada sintonizado.

O continuar do incômodo tilintar do telefone, melodia enclausurada, vasto canto de bar sem solução, penso no velho Joe Speranza, o psicopata brasileiro exportado, descendente de italianos, ele reclama do serviço de bordo, foge da tentativa de assassinato da amante. Escondido na terra de Marlboro ele ouve Tom Jobim, toma uísque, pronuncia um inglês macarrônico e nega a nacionalidade. Tio Sam gosta de abutres sobrevoando matadouros.

Linha cortada. Alicerces embargados, relações destruídas pela conversa telefônica. Diante da inebriante dissolução, a solidão abandona o aprisco.

Molly salta para a piscina amanteigada, a roupa suja caminha por entre lavanderias.

Sete dias da semana ouvindo os pingos da chuva. Na interferência das ondas digitais surge uma inconveniente vibração. E eu tão lamuriendo, insisto no convite a Molly. Conto os minutos para zarpar pelo asfalto no rumo generoso de sua porta e pernas entreabertas, esbanjo vigor, enquanto ela esparrama creme pelas pálpebras.

De tão irreal e contraditório, o céu esquivo despeja descargas elétricas interrompendo a canção. Não sei por que tanta confusão, eu só quero transar a garota certa...

O raio revela o negativo do corpo dela, a cena vem pelo vitral, uma tempestade acumula sentimentos – turvo, líquido, negro, indeciso, breve, ofuscante, iluminado, um túnel sem fim.

Na cabeça, a estampa da garota da folhinha. Quando a olho na porta do banheiro, o sexo ereto por entre as mãos deixa-se sobrar teso, rijo, viril, vil, a mão escala polegada por polegada; no sincronizar, Molly está ao alcance, a saliva – "trim"! Fica pra depois, relação pessoal carismática – "a masturbação contribui para ejaculação precoce".

24 de maio, minha data natalícia, o bolso de trás da calça guarda trocados e "todos os dias o sol brilha em mim", invade o quarto, aquece a roupa de cama e radia a face amarela pronta para a água e

espuma uma manhã radiante, passo as próximas horas bebendo, às vezes muito, às vezes pouco, não importa.

Não há motivo básico para que alguém comece a encharcar-se, nada é programado quando se trata de bebida é vício, complemento, bebe-se por beber e qualquer um pode parar a maioria prefere continuar, nunca precisei parar, mesmo num dia de aniversário.

"Decidi beber a vida até o último trago".



AVENTURA PARA UM DUBLÊ

A pele dourada de sol, o lábio partido, as listras de marca do maiô, cruzamentos e entroncamentos de rodovias estendem-se pelo dorso e adiante o estacionamento.

Baixo-me para pegar a notícia velha. Repentinamente, o sedan cromado e uma voz firme ordena: – Entre. Dentro. Silêncio. Alguns minutos ela liga o rádio: Castles Made of Sand de Jimi Hendrix.

Leda, alma gêmea, nascemos no mesmo dia e mês, ela um ano mais velha, datas revelam intimidades, através de seu espectro descubro como sou cruel com as mulheres, agora eu sou a presa.

Contos intensos como uma pop song intensa de três minutos, o tempo ideal da trama. O sedam estaciona.

No bar a luz em silêncio espreita sobre a mesa, bebo e penso em Torquato Neto e Jimi Hendrix dialogando sobre a morte. Na tela a mulher perseguida, corre o olho pelo retrovisor, ao lado um dublê com a timidez dos sem-caráter; eu não quero desejá-la eternamente.

Imerso em álcool, deixo o bem-estar para mais uma vez maldizê-lo, malgrado meus sentimentos. Formigamentos roem dentro de mim, sempre que leio ou ouço alguma coisa relacionada a Torquato Neto.

Leda, leãozinho rebelde, detesta ser chamada por adjetivos ou frases afetuosas – "minha latinha de leite moça amassada", as coisas acontecem não existe por quê? Se não as histórias não se transformariam em fábulas e eu com o número do telefone dela para um rápido convite de aniversário. O início da aventura para o dublê.

Tardamente a língua roça nas palafitas, o magnetismo animal escapa de dentro do espelho, a face do gato refletida. Pela primeira vez os olhos do felino evidenciam o reflexo e o correr para trás do espelho na procura pelo "retrato", a olhadela sutil por cima do dorso para o próprio reflexo.

O roçar ardoroso da bunda compelida e dividida igualmente pelo jeans. Vivo em cinemascope, passeio pela cama, uma transa visceral, tramada pelas vísceras direto ao estômago e âmagos, o olhar cinematográfico de Torquato enquadra a lagartixa na lente.

Leda, por cima, demonstra experiência, engatinha, rasteja aberta, pinga, abre caminho, dá vaga por entre o quadril no interessante jogo de quem fica por baixo. Meu sexo faminto e ardente, na procura do acortinado, acento o bate-estacas por entre os lábios.

Na vitrola, a guitarra de Jimi Hendrix com agudos estridentes surra as caixas, uma estranha comemoração sexo e morte, palavra e saliva, sussurro e tormento, a viagem estende-se da palavra às caixas, no colchão um campo magnético, atrito e atração.

20 bólicos anos depois da morte de Torquato, a trama fatal revivida em 20 minutos especiais. Leda abre as pernas e toma-me de intenso fervor e proteção. Ela me guarda com jeitinho e até cantaria João Gilberto ou um acalanto se eu pedisse, mas Hendrix ousado como o sexo não dá tempo.

Intervalo, a fumaça do cigarro flutua, pausa para um gole d'água, esforço-me em manter o olhar preso ao longe, meu comportamento desligado revela o quão distante da realidade estou. Ela não estará aqui quando eu voltar, não fará parte da paisagem, talvez uma foto sem nome e legenda, um artil imponderável.

Tudo o que resta: – ela tomou o rumo da vida, deu-me mais do que poderia ter dado e se saiu com essa: – As coisas acontecem. Ao sabor dos ventos experimento o clima desértico do píer, castelos feitos de areia.

A nova garota do adeus de corpo marcado pelas tiras do biquíni, a aventura não durou muito, pois ninguém consegue embriagar-se com uma única dose, então quando os dias são belos e as sentenças

frias, porém elegantes, ela sai e preocupada por não deixar vestígios, cai fora... Definitivamente fora da estrada.

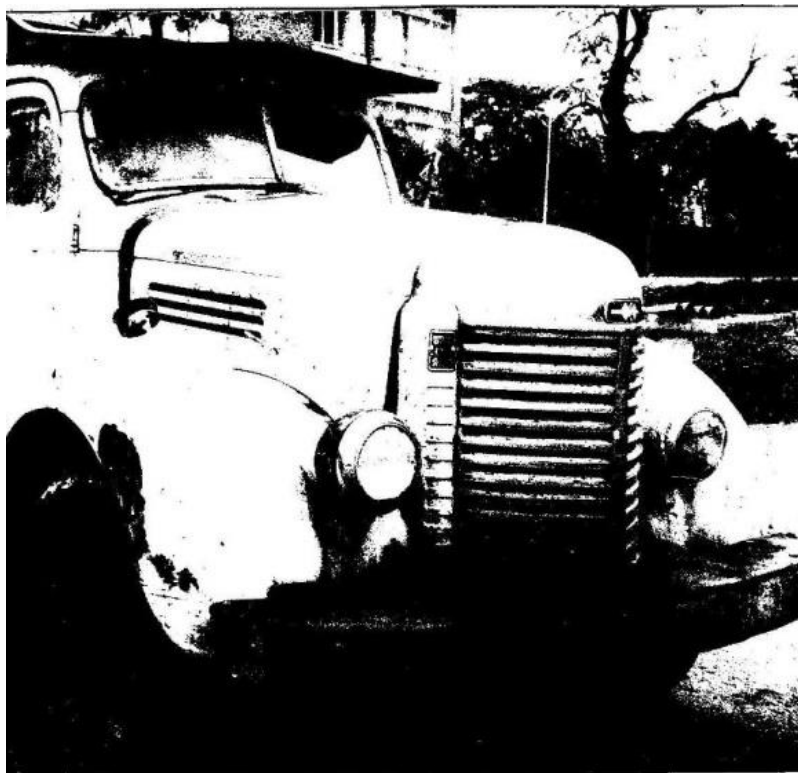
Elétrica intensidade. Depois da noite longa, ela ordena: – Desce! Volto os olhos para o firmamento, alguém ri. Som interrompido, baby, "arranca o carro" solta pelos contornos espera outros caronas que não tardam. Nunca encontro as chaves debaixo do carpete, os cartões magnéticos substituem as chaves e abrem portas. Dentro da cabine com o cartão saco os trocados e espero a chuva passar, ela não diminui e nem muda de lado "estará tudo bem com a elétrica terra das damas?". Chove torrencialmente, quando voltar para casa seguirei o velho conselho de Angel: "se você esta apaixonado e não é correspondido, recomendo o *Loki*?". O disco permanece três longos meses longe, na casa de Molly, hesito em buscá-lo e acabo substituindo-o por um CD. A noite longa e as faixas curtas.

Longo rolé pela estrada, rolo para longe de Leda, sigo pela Estrutural, 23 km rodados, chego a um ponto: *Crocodilos*. Espero o "jogo rápido". Declino esvaziando cervejas em lata, teço frases descartáveis em guardanapos de papel.

A preocupação ilustra minha expressão facial, o ar perdido é resgatado. Sempre que em companhia de Angel, predominava o clima de aventura, a lembrança de Stone mantém a concentração na cara do cara travado em frente. Ele nem aí para com as regras de trânsito e eu preocupado com os prós e contras de dar carona. Cerveja jorrando no acostamento e toda disposição e tempo para gastar uma ficha, falta-me coragem, dublês não costumam ocultar-se. O pé pesando desliza, levando-me longe do carpete de betume de Taguatinga. Jimi Hendrix fenomenal no toca-fitas. O acelerador encosta no soalho.

– Um minuto para fotografar as estrelas. Enquanto a aventura inicia, recupero a inspiração.

Amanhã levantar e seguir o mesmo caminho de antes, trafegar pelo metal frio, enquanto lágrimas salgadas correm para o mar metálico, girar a maçaneta acalmar a tormenta, abrir a porta em direção do rush, acelerar e seguir. Aventura sem dublê não comporta a palavra "epílogo".



Aventura: descompromisso com o lógico, o tradicional início, meio, fim, se você chegou até aqui o roteiro não melhora segue a mesm falta de norma. Um toque sutil noleitor é o objetivo da coisa.

Living on Strange Days (Parte dois)

Nasci num dia 36 em maio de 64, portanto quatro décadas de ficção, drama e animal no cio. Após todos esses anos minhas semanas permanecem envoltas de dias estranhos, acompanhadas da impressão de que travo uma guerra muda, não declarada, sem regras ou limites.

Três filhos: Glauber, Virgílio e Ana Luíza.

Meus primeiros textos foram publicados em fanzines, coincidentemente os últimos também foram editados neles através do: *Zine Via Scala*, *Brigada do Barulho*, *Colapso Utópico* e *Rock Press*. Realizei críticas de discos para o saudoso *JOSÉ* (Jornal da Semana Inteira). E posteriormente em 91, editei *Balada do Louco*, biografia do sempre mutante Arnaldo Baptista.

A definição a respeito da minha pessoa que me agrada foi escrita por Rodrigo Leitão, no Jornal de Brasília: "Mário Pacheco é um daqueles tipos que surgem já sabendo o que vai conseguir quando se metem em alguma coisa".



In memoriam

"Não importa que escolha você faça, desde que ao caminhar por esta estrada, o compromisso mais importante seja consigo mesmo, com seus sonhos. E os obstáculos sumirão, como por encanto."

Geni Stefanin, 1953 – 1994